

Arthur Lessa, Telma Low e Danielly Spósito

AUDIODESCRÍÇÃO NO COTIDIANO ESCOLAR

Caminho para inclusão

2º Edição

Revisada e atualizada



Arthur Lessa, Telma Low e Danielly Spósito

AUDIODESCRÍÇÃO NO COTIDIANO ESCOLAR

Caminho para inclusão

2º Edição

Revisada e atualizada



*Estratégias de inclusão na
educação básica*



Maceió/AL
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Diretor da Edufal

Eraldo de Souza Ferraz

Conselho Editorial da Ufal

Eraldo de Souza Ferraz – Presidente
Diva Souza Lessa – Gerente
Fernanda Lins de Lima – Coordenação Editorial
Mauricélia Batista Ramos de Farias – Secretaria Geral
Roselito de Oliveira Santos - Bibliotecário
Alex Souza Oliveira
Cícero Péricles de Oliveira Carvalho
Cristiane Cyrino Estevão
Elias André da Silva
Fellipe Ernesto Barros
José Iwamilson Silva Barbalho
José Márcio de Moraes Oliveira
Juliana Roberta Theodoro de Lima
Júlio Cezar Gaudêncio da Silva
Mário Jorge Jucá
Muller Ribeiro Andrade
Rafael André de Barros
Silvia Beatriz Beger Uchôa
Tobyas Maia de Albuquerque Mariz

Conselho Científico da Edufal

César Picón - Cátedra Latino-Americana e Caribenha (UNAE)
Gian Carlo de Melo Silva – Universidade Federal de Alagoas (Ufal)
José Ignácio Cruz Orozco - Universidade de Valência - Espanha
Juan Manuel Fernández Soria - Universidade de Valência - Espanha
Junot Cornélio Matos – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Nanci Helena Rebouças Franco – Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Patricia Delgado Granados - Universidade de Servilha-Espanha
Paulo Manuel Teixeira Marinho – Universidade do Porto - Portugal
Wilfredo Garcia Felipe - Universidad Nacional de Educación (UNAE)

Núcleo de Conteúdo Editorial

Fernanda Lins de Lima – Coordenação
Roselito de Oliveira Santos – Registros e catalogação

Projeto gráfico e diagramação

Daniel Aubert de Araujo Barros

Revisão de Língua Portuguesa

Elaine Cristina Rapôso dos Santos

Normatização (ABNT)

Elaine Cristina Rapôso dos Santos

Catalogação na Fonte

Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL

Núcleo de Conteúdo Editorial

Bibliotecário responsável: Roselito de Oliveira Santos – CRB-4/1633

L638a Lessa, Arthur.

Audiodescrição no cotidiano escolar : caminho para inclusão / Arthur Lessa, Telma Low, Danielly Spósito.
– 2. ed. – Maceió : Edufal, 2025.
73 p. ; il. : color.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5624-322-1.

1. Educação especial 2. Audiodescrição 3. Inclusão.

I. Título. II. Low, Telma. III. Spósito, Danielly.

CDU: 376

Esta obra foi produzida com recursos do Ministério de Educação (MEC), via Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão - SECADI



PROEST
Pró-reitoria Estudantil

PROEX
Pró-reitoria de Extensão



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Pró-Reitor Estudantil

Alexandre Lima Marques da Silva

Pró-Reitor de Extensão

Cézar Nonato Bezerra Candeias

Coordenação do projeto

Danielly Spósito Pessoa de Melo

Equipe Docente

Arthur Manuel Pimentel Lessa
Telma Low Silva Junqueira

Equipe Pedagógica Nayanne
Loide da Silva Camelo Lucas
Cardoso Ferreira da Silva Nayara
Lídia da Silva Camelo Vaz

Revisão de Português

Elaine Cristina Rapôso dos Santos

Criação e Design

Daniel Aubert de Araujo Barros

Consultoras/es de audiodescrição

Mileide Moreira da Silva
Paulo Henrique da Silva Leonardo

Equipe de tutoria

Dermeval Santana de Oliveira
Ellainy Vanessa Barros de Souza
Domingos
Flávia Fabiana Martins Pacífico
Flávia Katharina Araújo de Carvalho
Juliana Letícia Alves dos Santos
Luciana Gomes Silva de Sousa
Luciano José de Sousa
Marcosuel Braga dos Santos
Marya Luysa Rodrigues Marques de
Santa Rosa
Rafael José da Silva Santos
Rayane Souza Ferreira
Robert Roger Domingo dos Santos
Samuel Conselheiro Germano do
Nascimento
Tatiana Durão D'Avila Luz
Valdomiro Makson Costa Jardim
Valter Jorge da Silva Junior

SUMÁRIO

AMBIENTAÇÃO: OBSERVANDO NOVAS PAISAGENS	6
AUDIODESCRIPÇÃO NO COTIDIANO EDUCACIONAL	8
AUDIODESCRIPÇÃO: SEMENTE PARA INCLUSÃO	9
TERRITÓRIOS E AUDIODESCRIPÇÃO	16
AUDIODESCRIPÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS	21
ESPERANÇAR E AUDIODESCREVER: SIGAMOS!	22
(RE)CONHECER PARA INCLUIR	23
POSSIBILIDADES E LIMITES NA AUDIODESCRIPÇÃO	27
ATIVIDADES EM UMA ÚNICA PÁGINA	27
ADAPTAÇÃO E ACESSIBILIDADE	29
INFOGRÁFICOS ACESSÍVEIS	33
ACESSIBILIDADE EM TABELAS	34
FÓRMULAS MATEMÁTICAS	35
ATIVIDADES LÚDICAS COM AUDIODESCRIPÇÃO	38
INCLUIR É (RE)CONHECER	40
JOGOS E ACESSIBILIDADE: É POSSÍVEL	47
CAMINHOS POSSÍVEIS	49
QUEM SOU EU?	49
TE CONVIDAMOS	49
JOGO DA MEMÓRIA	52
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	52
ACESSIBILIDADE E OLFATO	56
GUIANDO PARA APRENDER	57
COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS	59
UM CONVITE PARA AUDIODESCREVER	62
REFERÊNCIAS	71

AMBIENTAÇÃO: OBSERVANDO NOVAS PAISAGENS

Olá! Estamos felizes com sua decisão de saber um pouco mais sobre acessibilidade através da audiodescrição (AD). Aqui, construiremos um espaço de troca e de INTERAÇÃO, especialmente porque acreditamos que a audiodescrição é uma tecnologia assistiva que favorece a comunicação. E vale lembrar: não existe comunicação sem interação. Com isso, fazemos esse convite para você FLORESCER a audiodescrição em si mesma/o, desabrochando a habilidade de audiodescrever e, dessa forma, garantindo a inclusão nos diversos âmbitos da vida!

MAS, antes de qualquer coisa queremos te dar algumas opções para leitura de nosso texto. Caso deseje escutá-lo no formato de [livro falado, acesse aqui](#). Caso prefira em formato [EPUB, pode acessar por aqui](#). E, se desejar ler [em Libras, pode acessar por aqui](#).

A descrição é uma habilidade que possuímos, afinal, nós já descrevemos sonhos, vontades, viagens, acontecimentos nas interações diárias, cenas de filmes (quem nunca deu um spoiler?) etc. É pensando em interação, em som e em movimento que surge a ideia da nossa logo.

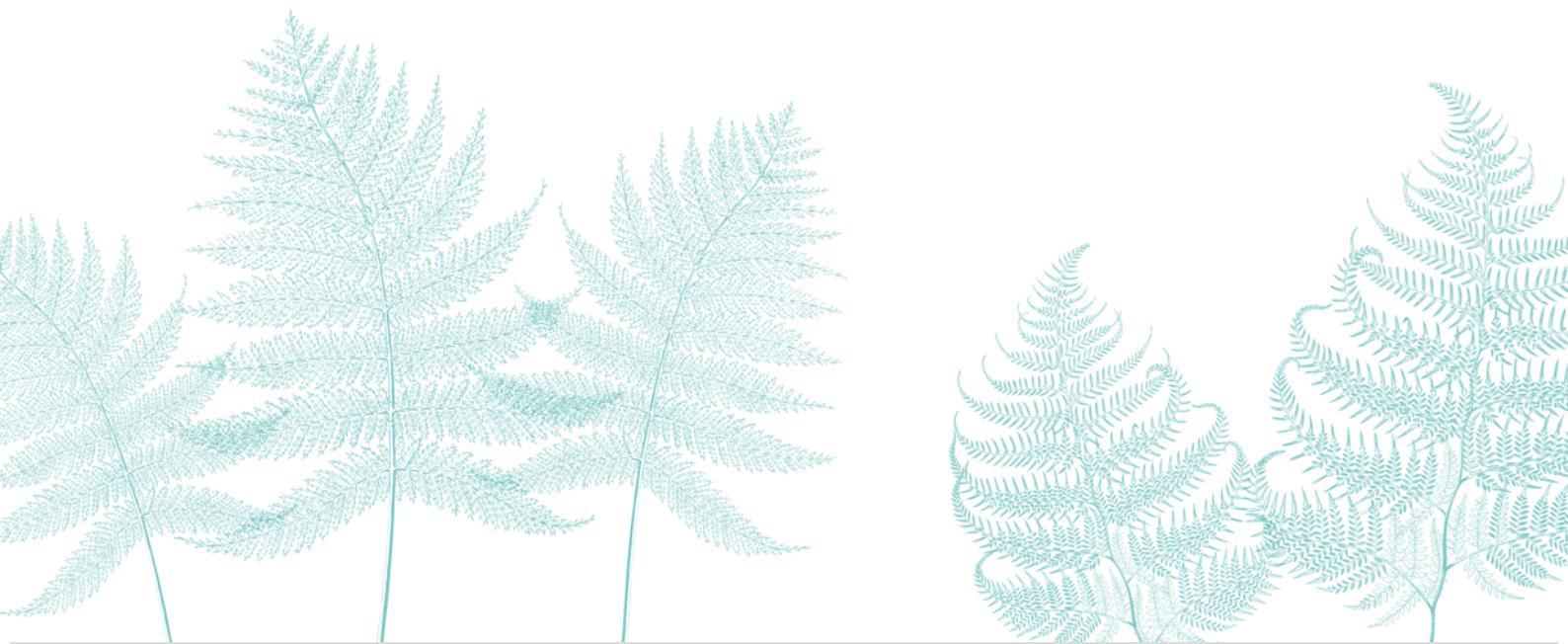
As cores azul, vermelha e amarela referenciam nossa identidade visual. A logo é composta por três pétalas com bolinhas em cima, formando os ícones de sujeitos. No corpo da pétala temos três parênteses de baixo para cima, simbolizando as ondas sonoras.



E, sem mais delongas, desejamos boas vindas ao novo jardim que espera por você com suas habilidades de semear, de cuidar e de colher.



Início da audiodescrição: Júlio, rapaz negro, de camisa roxa, calças azuis, mochila e tenis laranjas e colar de girassol está de cócoras e, com auxílio de uma pá pequena, planta sementes no solo. Ana, mulher negra, de cabelo black, usa camisa branca com a logo do curso e calça verde está agachada e, com um regador vermelho, rega uma pequena planta. Marta, menina branca de cabelos ruivos, veste camisa e short da seleção brasileira. Em suas mãos um vaso com uma flor de pétalas azuis, vermelhas e amarelas. **Fim da audiodescrição.**





AUDIODESCRIÇÃO NO COTIDIANO EDUCACIONAL

AUDIODESCRIÇÃO: SEMENTE PARA INCLUSÃO

Para começar a entender como a **audiodescrição (AD)** ocorre no cotidiano educacional, precisamos saber o que é a audiodescrição e compreender que ela é, também, uma estratégia de cuidado com as pessoas que dela necessitam, pois, a AD possibilita o acesso a informações, contribuindo para a inclusão e para a diversidade no contexto educacional. Quando as pessoas se sentem cuidadas com afeto, parecem mais disponíveis a aprender.

Vejamos alguns conceitos diferentes sobre AD:

Para Eliana Franco e Manoela Silva (2010), a audiodescrição consiste na transformação de imagens em palavras com o objetivo de que informações visuais possam ser acessadas, por pessoas com deficiência visual, através da sua conversão para palavras-chave.

Já para a fundação brasileira Dorina Nowill (2018), a audiodescrição é um recurso que traduz imagens em palavras para que conteúdos audiovisuais ou imagens estáticas possam ser compreendidos. Ambas as visões contempladas são válidas, pois a AD garante o acesso e também estimula a compreensão do material.

Christopher Taylor (2016), por sua vez, de modo mais sucinto, considera a audiodescrição como a descrição de conteúdos visuais de filmes, televisão, teatros e outras mídias. Essa perspectiva converge com alguns streamings que a apresentam como uma narração opcional que descreve o que está acontecendo na tela, incluindo ações físicas, expressões faciais, figurinos, cenários e mudanças de cena.

Os diferentes conceitos fazem sentido na pesquisa traçada por Franco e Silva (2010), que estudam a AD na perspectiva da garantia de acesso, pois a proposta de seu trabalho é tornar materiais acessíveis; já os streamings, que trabalham com a distribuição de mídias audiovisuais, trazem uma perspectiva de narração opcional, pois é assim que a AD se porta dentro desse contexto.

Para nós, a AD é uma tecnologia assistiva afetiva e efetiva, vinculada às dimensões da acessibilidade (atitudinal, digital, pedagógica, arquitetônica e comunicacional) que permite transportar imagens contempladas pela visão para imagens mentais. Tal forma de tecnologia assistiva possibilita a acessibilidade para pessoas com deficiência visual e/ou com dificuldade de compreender imagens visuais.

Não podemos negar que a AD surgiu com um público bem específico: pessoas com deficiências visuais, sejam elas com baixa visão ou cegas. No entanto, nossas vivências e nossos estudos permitiram compreender que a AD também possui uma função pedagógica para além da possibilidade de traduzir imagens em palavras e de tornar certo conteúdo acessível para pessoas com deficiências visuais. A AD também consegue garantir a acessibilidade às pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e às pessoas com escasso letramento. Atrelada às práticas de ensino, instiga a capacidade crítica, interpretativa e descriptiva das crianças sobre as imagens, reconhecendo-as nas suas singularidades e garantindo-lhes o direito de aprender no mesmo momento que as demais.

Ou seja, no contexto educacional, **a audiodescrição é extremamente importante para a participação nos espaços de aprendizagem de MODO AFETIVO E EFETIVO.** A audiodescrição, quando utilizada como metodologia de ensino, pode auxiliar o desenvolvimento da atenção, pois, quando algo é descrito, vasculhamos a imagem para procurar informações que estão sendo faladas e, posteriormente, fazemos, também, esse processo de busca de forma autônoma, podendo fazer a AD do que está sendo apresentado em outros momentos.

Assim como em todas as áreas de conhecimento e/ou profissionais, a AD tem diferentes formas de atuar/trabalhar. Nesse contexto, várias funções podem ser desempenhadas, dentre elas estão as das pessoas:

- Audiodescritora;
- Audiodescritora roteirista;
- Audiodescritora narradora e;
- Audiodescritora consultora.

Entendemos que no contexto e no cotidiano escolar, seja em sala de recursos, sala de aula, cantina, pátio, quadra etc. o/a profissional da educação terá, muitas vezes, que atuar de diferentes formas: preparando um roteiro, consultando e narrando o próprio roteiro, etc. Tudo de forma bem dinâmica e cuidadosa, não é?!

Tecnicamente a atuação com a AD, no contexto educacional, está dividida em 4 momentos. O **primeiro é a escolha da imagem a ser descrita**. Devemos pensar, SEMPRE, em utilizar materiais/imagens que possibilitem a AD, ou seja, trabalhar na perspectiva do Desenho Universal de Aprendizagem (DUA). Ou seja, é necessário utilizar materiais e técnicas que garantam a inclusão de acessibilidade de todas/os, que sejam passíveis de AD por você ou por quem for audiodescrever. Adiante falaremos um pouco sobre o Desenho Universal de Aprendizagem, certo?!

Vamos lá!? Vamos tentar destrinchar um pouco esse processo de construção da AD para que você possa entender como funciona. Mas, não se assuste!!!! Com o tempo e com a prática, a AD irá se tornando parte do seu trabalho e, possivelmente, um componente indissociável do seu processo pedagógico e social e das pessoas que convivem com você. E que tal conhecer uma expressão de AD? Primeiro sugerimos que você escute o [áudio](#). E só depois, assista ao [vídeo com a AD](#), ok?!

Você conseguiu entender as escolhas da profissional? Você faria diferente?

Seguindo adiante, podemos dizer que, após a escolha da imagem, cabe-nos construir o roteiro. **Nesse segundo momento a pessoa audiodescritora assume a função política e pedagógica de escolher o que será narrado**, como será narrado e a partir de que perspectiva se dará a narração.

Tranquilidade neste momento! Lembre que o roteiro possibilitará que a pessoa se sinta cuidada e incluída de modo afetuoso, pois terá acesso a informações que não estariam disponíveis para ela sem a AD. É algo simples, mas que também requer atenção e dedicação, e não deve ser feito de qualquer maneira, tá? Para isso, existem alguns elementos que auxiliam na localização da AD, é importante que floresçamos e sigamos as perguntas orientadoras e o esquema orientador, que são:

Perguntas orientadoras

- O que há na imagem?
- Quem está na imagem?
- Como aparenta estar?
- Quando se passa a imagem?
- Onde acontece?

Esquema orientador

- Do amplo para o específico
- Da esquerda para a direita
- De cima para baixo
- Do maior para o menor

Chamamos sua atenção, aqui, pois, cabe a você, como roteirista, identificar a função da imagem e o objeto principal a ser descrito, afinal, a AD é feita de modo DIRECIONADO, ela tem um objetivo e um foco, e, na maioria dos casos, não cabe descrever tudo o que está sendo mostrado. Assim, a ordem do esquema orientador, compartilhado acima, pode ser alterada. Vamos testar um pouco? Vamos construir nossa AD a partir das perguntas e do esquema orientador...

Imagen 1: Fotografia de sanduíche



Fonte: Arthur Lessa, 2023.

O que há na imagem? Um sanduíche com ervas e tomates OU um sanduíche de queijo

Quem está na imagem? Não se aplica

Como aparenta estar? Tomates fatiados, decorados com folhas de ervas OU

na chapa, com folhas frescas de ervas orgânicas e fatias de tomate.

Quando se passa a imagem? Não podemos definir pois não há sinais de ambientação ou tempo (noite, manhã etc.).

Onde acontece? Em um prato OU sobre um prato amarelo.

Deu para entender a AD da imagem? Que tal se entregarmos duas possibilidades de AD para você? Mas lembre-se de que cada contexto irá determinar uma forma de descrever a imagem. Explicaremos isso adiante.

E como poderia ficar nossa AD? Vamos comparar...



AD 1 Início da audiodescrição:
foto colorida de um sanduíche de queijo em um prato, acompanhado de tomates fatiados e decorado com folhas de ervas. **Fim da audiodescrição.**

AD 2 Início da audiodescrição de uma fotografia: sobre um prato amarelo, um sanduíche de queijo na chapa, aromatizado com folhas frescas de ervas orgânicas e fatias de tomate. **Fim da audiodescrição.**

Lembra que em uma mesma imagem podemos ter ADs diferentes? MAS, que é necessário seguir um conjunto de orientações?! Ou seja, você consegue identificar que enfatizamos elementos distintos? Sim? Não? Anote as diferenças que você percebeu e compartilhe-as neste link.

O terceiro momento é de consultoria. Num estúdio de AD profissional, esse trabalho é desenvolvido por uma pessoa com deficiência visual formada na área de AD. É essa pessoa quem irá ajustar o roteiro da audiodescrição, ouvir ou ler para identificar possíveis cacofonias, inadequações ou sugerir alterações para a finalidade que se tem. Vale dizer que, no dia a dia escolar, já que nem todas as escolas têm profissionais com formação em AD, esse processo ocorre de modo simultâneo, pois, normalmente, quem roteiriza também acaba tendo a função de consultar e revisar sua própria AD.

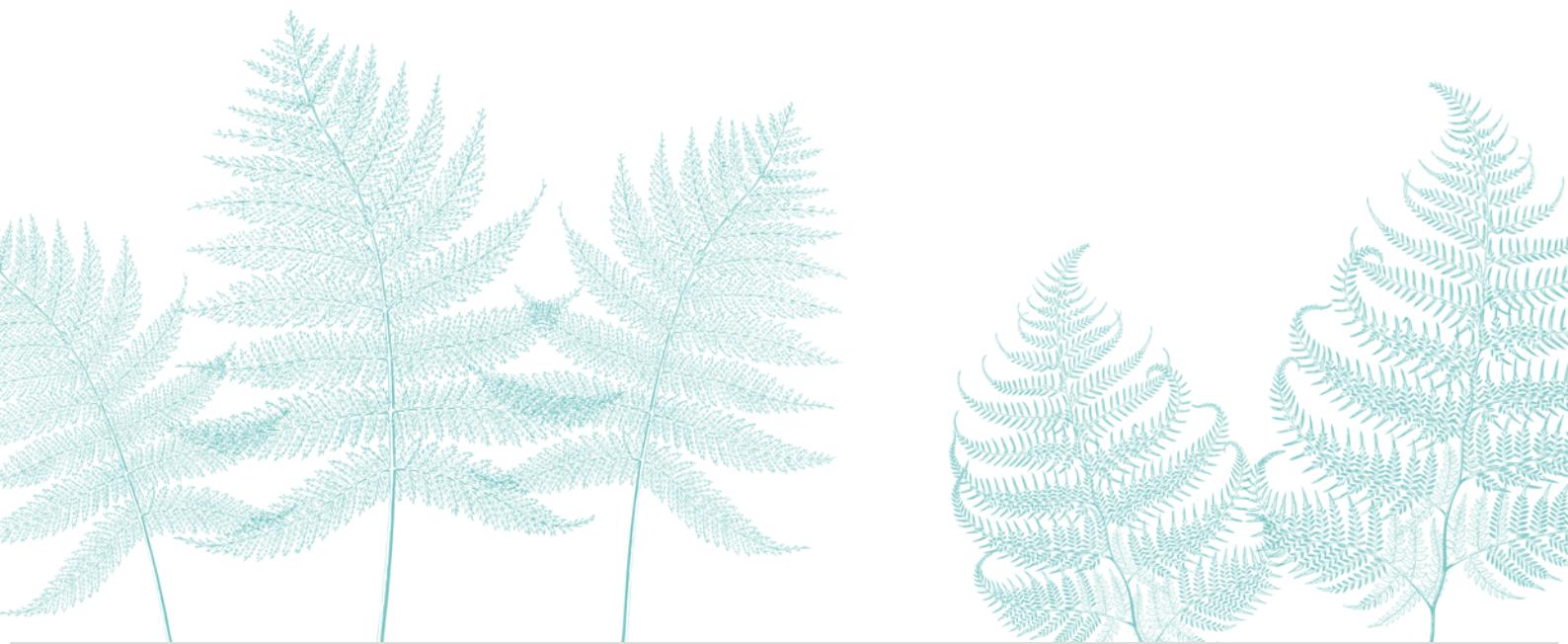
O quarto e último momento é a narração. Dentre as competências do/a narrador/a é importante que tenha um bom domínio da língua falada, com boa eloquência e boa dicção, com voz potente e de boa projeção, afinal, a narração precisa ser compreendida, por vezes, em meio às músicas e às falas. Para isso existem 3 tipos de narração:

Audiodescrição escrita: é a mais comum em redes sociais. Nela, o roteiro é apenas escrito para que seja lido pelo talkback, NVDA ou outros leitores de tela. Pois é, as pessoas com deficiência visual podem utilizar leitores de tela para acessar computador e smartphone. Esses programas lêem em voz alta os elementos percorridos na tela, para isso usam atalhos e comandos específicos. Vale lembrar que cada pessoa terá sua habilidade no uso de tecnologias, tá?!

Audiodescrição gravada: ocorre quando a audiodescrição da imagem é pré-gravada, ou seja, sua elaboração tem um tempo de estudo, de roteiro, de gravação, de avaliação e, só a partir daí, é levada ao público.

Audiodescrição simultânea: é a experiência mais desafiadora para qualquer pessoa que se aventura na AD. Esse tipo de narração ocorre quando você precisa audiodescrever o que acontece simultaneamente enquanto ocorre. Ele é muito comum na sala de aula, nos teatros, nas apresentações inéditas e/ou na convivência com pessoas com deficiência visual.

Você consegue perceber o quão desafiante e encantadora é a AD, desde uma **perspectiva técnica, pedagógica e profissional**? Não é à toa que surgem, a cada ano, empresas especializadas em AD e também aumenta a procura por profissionais da área! Em atividades que exigem preparo técnico na AD, são necessários profissionais específicos/as para cada momento que citamos, e também é fundamental a atuação de uma equipe técnica de áudio que deverá garantir a ausência de ruídos e a produção de um conteúdo audiodescrito que possa ser compreendido em sua totalidade e com qualidade.



TERRITÓRIOS E AUDIODESCRIÇÃO

No nosso caso, que estamos falando no/do contexto educacional, certamente é importante ter atenção aos princípios técnicos da AD. Você se lembra das perguntas orientadoras e do esquema orientador, não é?! Pois bem, também é fundamental pensar na função política e pedagógica da AD, tá?!

Viver em comunidade é um desafio constante! Tanta diversidade! Tantas especificidades! Ninguém é igual a ninguém! Somos pessoas únicas! Quantas pessoas matriculadas há na instituição onde você atua? Ora, se somos seres únicos/as, cada estudante será um mundo próprio! Anualmente novas/os estudantes são matriculadas/os e novos mundos passam a habitar a instituição, não é?! A chegada de qualquer estudante mexerá, inevitavelmente, com a dinâmica institucional, da sala, entre outras.

Cada estudante é um convite a nos prepararmos para construir vínculos, apresentar possíveis caminhos, conviver, dialogar, aprender, ensinar, etc. Uma pessoa que necessita de AD pode ser pessoa com deficiência visual, com transtorno do espectro autista, transtorno do aprendizado, etc. Em qualquer um dos casos, é importante pensarmos, desde o momento da matrícula, como podemos receber e acolher a pessoa que necessitará da AD para garantir sua mobilidade e sua orientação no espaço físico da instituição.

bell hooks, professora, intelectual negra e feminista estado-unidense, nos lembra que “quando compartilhamos de formas que contribuem para nos conectar, conhecemos melhor uns aos outros” (2020a, p. 92). A AD pode possibilitar, portanto, essa conexão entre as pessoas, fomentando a aprendizagem a partir da diversidade e da singularidade de cada um e de cada uma, favorecendo a inclusão.

Para nós, o primeiro passo poderia ser a AD do espaço físico. Mas, como fazer isso? Que tal começarmos pela frente da escola? Um breve exemplo aqui:

Imagen 2: Fotografia de escola



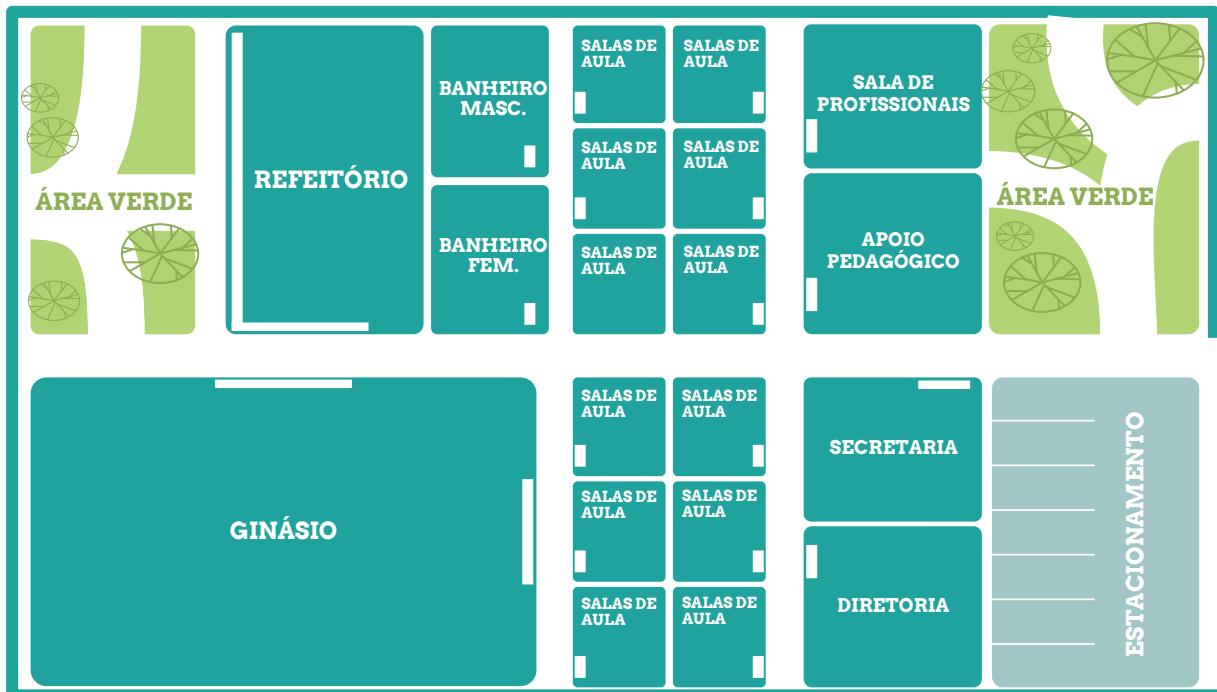
Fonte: Google maps, 2022

Início da descrição: em uma esquina, uma placa sinaliza a entrada da escola municipal Nise da Silveira. Com muro branco e listras horizontais, azul e verde, e um portão metálico, azul. Ao entrar, na esquerda, há um prédio térreo, e, à direita, uma árvore. **Fim da audiodescrição.**

Você consegue perceber que escolhemos informar as cores das paredes? Poderíamos não fazer isso, mas escolhemos sinalizar por que são cores que compõem a bandeira do Estado de Alagoas e isso pode fazer sentido para a construção da identidade escolar. E mais uma vez, está aqui, ela: a função política e pedagógica da AD.

Depois de apresentar a fachada da instituição, podemos descrever onde estão localizados os ambientes. A pessoa beneficiada pela audiodescrição precisará, nos primeiros momentos, ambientar-se com o novo local. Para isso você pode explicar um pouco. Observemos este layout. Que tal tentar primeiro? Tente seguir as perguntas orientadoras e o esquema orientador. Vamos lá! Tenha objetividade. Este é só um convite para exercitar seu conhecimento.

Imagen 2: Layout de uma escola



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Considerando que iremos audiodescrever a escola, na perspectiva de objetividade, nossa audiodescrição seria da seguinte forma:



A escola tem um layout retangular. A entrada fica entre o estacionamento e a área verde. Ao passar a porta principal, há o corredor principal onde está a secretaria e o apoio pedagógico. No corredor da secretaria, estão a sala da diretoria e sete salas de aula. Já no corredor do apoio pedagógico, há a sala de profissionais e outras sete salas de aula. Voltando ao corredor principal, há um cruzamento. A esquerda dele leva a mais sete salas de aula e ao ginásio de esportes, que tem três saídas. O caminho à direita do corredor principal leva a sete salas de aula restantes e a banheiros feminino e masculino. Ao fim do corredor principal, estão o refeitório e outra área verde. Alguma dúvida, Marta?

Chegando à sala de aula, você terá alguns desafios. O primeiro será descrever como está organizada a sala. E daí, basta lembrar das perguntas orientadoras e do esquema orientador! A acessibilidade é importante no processo de escolha: onde se sentar? A pessoa com deficiência pode preferir um local ao outro, não é?! Mais uma vez, o diálogo se mostra como caminho para inclusão, acessibilidade e autonomia! O sentar na cadeira também! Ela poderá ser guiada até a cadeira e a/o guia colocará a mão dela no encosto, informando se possui, ou não, braço. E pronto! A pessoa sentará sozinha. Fim? Ainda não!

E como a pessoa com deficiência pode criar uma imagem mental de quem é você, de colegas de sala e de demais profissionais? Isso é possível quando você descreve suas características? Vejamos a apresentação de nossa turminha do livro:



Eu sou Ana, sou uma mulher negra com TEA, uso cabelo black com uma tiara amarela, óculos vermelhos, tenho um nariz arredondado. Visto uma camisa branca com a logo do curso de audiodescrição e um cinto vermelho. Seguro dois livros apoiados em meu braço esquerdo enquanto aceno com a mão oposta com um grande sorriso no rosto.

Meu nome é Júlio, sou um homem negro com cabelos cacheados caídos. Tenho sobrancelhas grossas, nariz grande e arredondado. Uso uma mochila laranja, camisa roxa e um colar de fita verde com estampa de girassóis. Dou beleza com a mão esquerda enquanto estampo um sorriso em meu rosto.

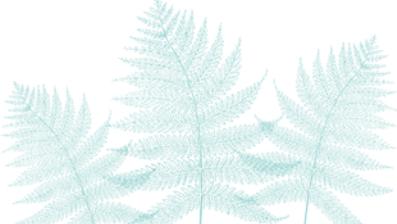


Prazer, sou Marta, sou branca e pessoa com deficiência visual, tenho cabelos ruivos, nariz redondo e bochechas coradas. Visto a camisa dez da seleção brasileira. Com a minha mão direita, aceno.

Percebeu que utilizamos três formas distintas de iniciar? Essas são expressões que geralmente utilizamos para a AUTOdescrição. Sim, nesse caso utilizamos AUTOdescrição, que não é o mesmo que AUDIODESCRIÇÃO! São processos/conceitos diferentes que devemos conhecer para saber usá-los nos momentos corretos.

AUTOdescrição é quando uma pessoa fornece informações sobre SI MESMA (não se trata de outra pessoa, tá?!), podendo disponibilizar características físicas, hábitos, vestimentas, comportamentos, etc. Geralmente, cada pessoa chamará atenção para aquilo que considera necessário dizer e/ou é significativo para si. O importante, nesse processo, é permitir que a pessoa com deficiência visual construa uma imagem mental de quem fala.

AUDIODESCRIÇÃO, como nós já aprendemos, é quando uma pessoa proporciona informações sobre algo ou sobre alguém, “transporta” imagens percebidas através dos olhos em imagens mentais.





AUDIODESCRIÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS

ESPERANÇAR E AUDIODESCREVER: SIGAMOS!

Iniciamos o capítulo com as palavras de Paulo Freire, no livro *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (Freire, 2000), obra que ele escrevia antes de falecer, em 02 de maio de 1997. Freire, na segunda carta intitulada “Do direito e dever de mudar o mundo”, nos presenteia com sua imensa sabedoria e lucidez, dizendo:

Se alguém, ao ler este texto, me perguntar, com irônico sorriso, se acho que, para mudar o Brasil, basta que nos entreguemos ao cansaço de constantemente afirmar que mudar é possível e que os seres humanos não são puros espectadores, mas atores também da história, direi que não. Mas direi também que mudar implica saber que fazê-lo é possível. É certo que mulheres e homens podem mudar o mundo para melhor, para fazê-lo menos injusto, mas a partir da realidade concreta a que “chegam” em sua geração e não fundadas ou fundados em devaneios, falsos sonhos sem raízes, puras ilusões. O que não é porém possível é sequer pensar em trans-formar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto (Freire, 2000, p. 26).

A audiodescrição chegou para a nossa e para as futuras gerações como uma possibilidade de trans-formar, também por meio da educação, a realidade excludente, desigual, injusta e capacitista. Nesse sentido, talvez essa transformação ainda seja um sonho, uma utopia. É por isso que, aqui, a apresentamos como um projeto ousado e revolucionário, em especial no contexto da educação, da inclusão e do respeito à singularidade de cada pessoa. Tenha certeza de que esse é um passo para contribuir para que mais pessoas com deficiência realizem o desejo de estudar e sigam, com sonhos e utopias, buscando e conquistando novos e/ou outros projetos. Que não nos falte, portanto, esperançar para continuarmos juntas e juntos no direito e dever de mudar o mundo.

(RE)CONHECER PARA INCLUIR

Em sala de aula é comum utilizarmos livros didáticos que são repletos de imagens, de textos, de contraposição de informações e que, sem uma audiodescrição adequada, tornam-se inacessíveis e perpetuadores de uma lógica capacitista e não inclusiva. Assim, quando descrevemos livros didáticos, é necessário pensar no que será essencial para a compreensão e para resolução da atividade, dentro de uma realidade de ensino, ou seja, **a audiodescrição voltada para livros didáticos deve estar focada no aprendizado.**



Você sabia que quando o livro não está pronto para acesso de pessoas com deficiência visual nós podemos adaptar. Como? Uma forma é adaptando para Braille. Outra é convertendo tudo em áudio. Parece simples, não é? Mas requer habilidades, conhecimentos técnicos e respeito às normativas que viabilizam uma leitura fluida. No Brasil, universidades se uniram para aprimorar esse trabalho e criaram a [Rede Rebeca](#), otimizando e agilizando o acesso aos materiais utilizados em sala de aula.

A linha de raciocínio é similar ao processo de adaptar materiais. Você precisará identificar a matéria, a página e o tipo de atividade realizada, ou seja, fazer a contextualização para a/o estudante, e, a partir daí, trabalhar o que a página pede.

Além disso, é fundamental entender que há páginas de livros com detalhes que podem não ser necessários à compreensão, que funcionam apenas para decorar visualmente o material, e, se o foco da AD é o aprendizado, essas informações podem ser analisadas para compor, ou não, a AD.

Você sabe bem que as páginas de um livro poderão apresentar textos para estudo e/ou atividades. No que se relaciona **às atividades, podemos encontrar:**

- **Questões de associação/correspondência;**
- **Questões para completar/lacunas;**
- **Questões de múltipla escolha;**
- **Questões de verdadeiro ou falso;**
- **Questões dissertativas.**

Nesse rol de possibilidades convidamos você a observar dois tipos de atividades: as objetivas e as subjetivas; ou, em outras palavras, as fechadas e as abertas. Abaixo está a imagem de uma página de módulo escolar com uma questão objetiva de verdadeiro ou falso. Te convidamos a audiodescrever a imagem. Lembra das perguntas orientadoras? Você pode recorrer a elas, tá? Elas te guiarão.

Imagen 4: atividade objetiva com verdadeiro ou falso



Marque V para verdadeiro e F para falso, de acordo com a imagem do «bedroom».

<input type="checkbox"/> There is an alarm clock in the bedroom.	<input type="checkbox"/> There is a window in the bedroom.
<input type="checkbox"/> There are three chairs in the bedroom.	<input type="checkbox"/> There are four cars in the bedroom.
<input type="checkbox"/> There is a dog under the bed.	<input type="checkbox"/> There is a train in the bedroom.
<input type="checkbox"/> There is a ball in the bedroom.	<input type="checkbox"/> There are children in the bedroom.
<input type="checkbox"/> There are toys on the bed.	<input type="checkbox"/> There are books under the table.
<input type="checkbox"/> There are pencils on the table.	

Língua Inglesa **37**

Fonte: PLURALL, 2018, p. 37.

Você consegue perceber que a AD é essencial para a resolução correta da questão? E que a questão apresenta uma imagem que “brinca” com a localização dos objetos?

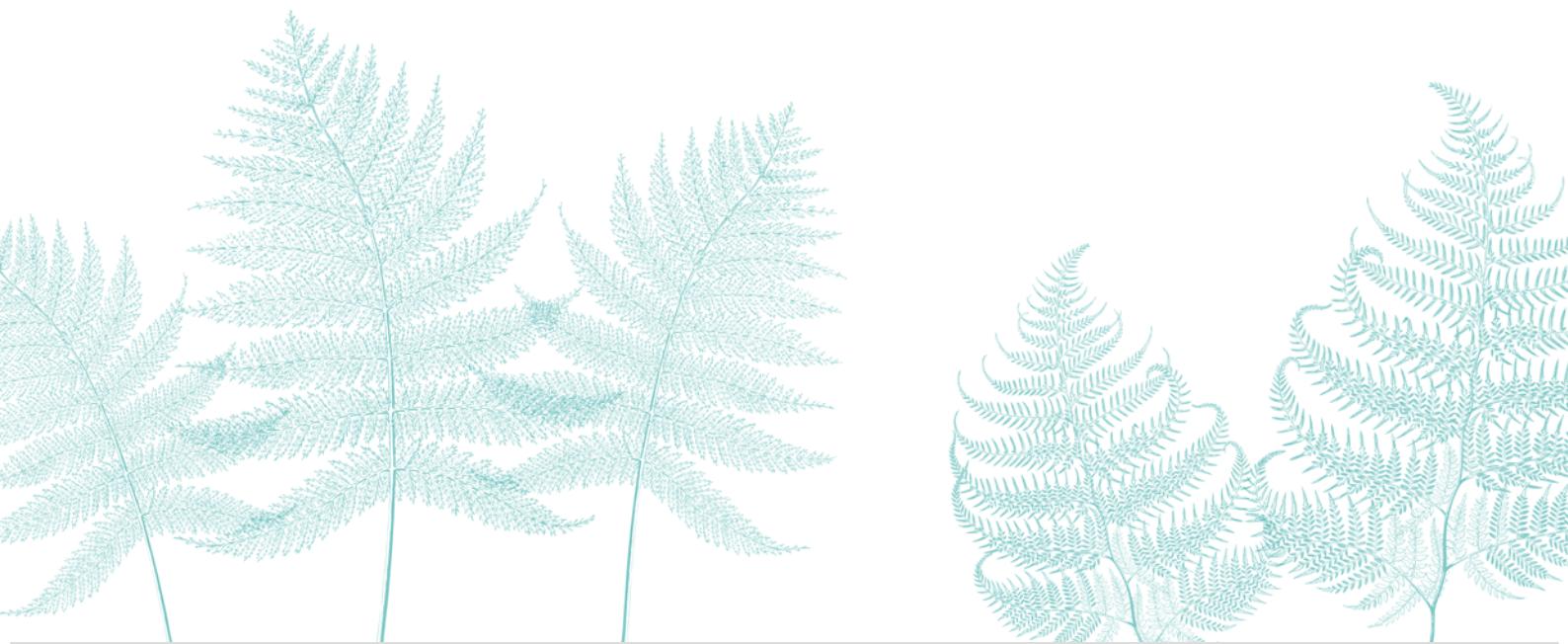
Você acha que os pontos roxos no topo da página, o desenho de um livro e os enfeites diversos devem ser descritos? Como dito anteriormente, alguns elementos podem não ser audiodescritos durante a formulação do roteiro, pois, a depender da escolha política e pedagógica, não serão necessários para a execução da atividade. Lembre que, apesar das informações serem lúdicas, elas podem chamar a atenção e distrair, especialmente àquelas crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Nossa proposta para AD, no caso de estarmos presencialmente com a pessoa, seria a seguinte: (...) na página trinta e sete do módulo um de língua inglesa, há uma atividade em que marcaremos V para verdadeiro e F para falso, de acordo com a imagem do "bedroom". A imagem é de um quarto, há uma janela aberta com cortinas rosa. Ao lado da janela, uma cama forrada com dois travesseiros. Na parede, acima da cama, há uma prateleira com livros e um boneco. Ao lado da cama, uma mesa de cabeceira de três gavetas, um abajur e um despertador, acompanhado de um guarda-roupas de duas portas e de uma gaveta. Na parede, há o desenho de uma casa. No meio do quarto, há uma mesa com duas cadeiras. Em cima da mesa, uma aquarela, lápis de cor, pincéis, tesoura e uma folha de papel em branco. No chão do quarto, há blocos de brinquedo, dois carrinhos, um trilho de brinquedo com trenzinho e uma bola grande. As alternativas são onze. Primeira: there is an alarm clock in the bedroom. True or False? Segunda: there are three chairs in the bedroom. True or False? Terceira: there is a dog under the bed. True or False? Quarta: there is a ball in the bedroom. True or False? Quinta: there are toys on the bed. True or False? Sexta: there are pencils on the table. True or False? Sétima: there is a window in the bedroom. True or False? Oitava: there are four cars in the bedroom. Nona: there is a train in the bedroom. True or False? Décima: there are children in the bedroom. True or False? Décima primeira: there are books under the table. True or False?

Você consegue perceber algo diferente? Por qual motivo enumeramos alguns itens do "bedroom" e outros não? Recorda que a pessoa audiodescritora assume a função política e pedagógica de escolher o que será narrado, como será narrado e a partir de

qual perspectiva? Lembremos que todo roteiro deve ser estudado e preparado com cuidado técnico e estratégico! Pois bem, ao analisar a atividade, observamos que, em algumas questões, há perguntas sobre quantidades. Portanto, estrategicamente, não informamos quantos blocos havia no chão, mas falamos sobre os quatro carros, uma mesa e duas cadeiras, para possibilitar que a criança escolha true or false.

Lembre-se: É importante ter atenção permanente ao que a/o estudante necessitará! Para isso, o melhor caminho será sempre o diálogo, perguntando o que torna o material acessível e qual a melhor estratégia de audiodescrição!

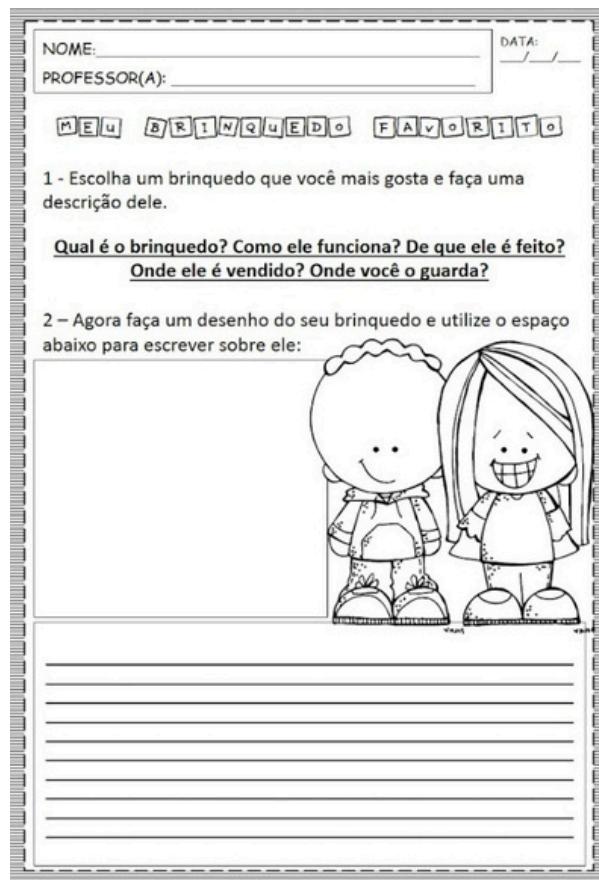


POSSIBILIDADES E LIMITES NA AUDIODESCRIÇÃO

ATIVIDADES EM UMA ÚNICA PÁGINA

Sigamos! Anteriormente, falamos sobre uma atividade que ocupa a página inteira, mas o que faremos quando há mais de uma atividade na mesma página? E quando se tratam de atividades diferentes? Como o trabalho de AD poderia ser feito? Que tal você ajudar Ana a audiodescrever a atividade abaixo para Marta?

Imagen 5: Atividade aberta dissertativa e com ilustração



Fonte: SIMÕES, 2022, n.p.

Antes de iniciar a AD, **você sabe o que é uma pessoa ledora?** Ledor ou ledora é, segundo o Projeto de Lei nº 3.513/2019, o/a profissional que atua na transposição de mensagens e de contextos expostos em meio impresso à tinta para uma modalidade de comunicação oral para pessoas com impedimento parcial ou total na realização da leitura. Essa/e profissional também atua na decodificação de textos em decorrê-

cia de deficiências, transtornos ou síndromes. No caso de Júlio (pessoa leitora) auxiliar Marta, poderíamos fazer o seguinte:



O que você percebeu na AD? Iniciamos com “a atividade diz” e, logo após, lemos o enunciado, pergunta por pergunta. Também poderíamos utilizar outros verbos (há, por exemplo) e pedir que Marta fosse desenhando ou orientando para desenhar. Ambas as formas são válidas! A escolha fica a critério de quem irá audiodescrever.

Além disso, vale ressaltar que, apesar de haver a imagem de duas crianças na atividade, elas não foram audiodescritas. Na nossa percepção, são figuras ilustrativas que parecem não acrescentar informações pertinentes ao exercício, e, especialmente, à resolução da atividade proposta. Elas não interferem na contribuição do entendimento da proposta da questão, mas poderiam interferir na compreensão de Marta.

Ressaltamos que a audiodescrição foi feita de modo que toda a página foi lida e depois foi proposta a execução das atividades. Também é importante pensar na possibilidade de reler questão por questão, pergunta por pergunta, esperando a resposta de Marta.

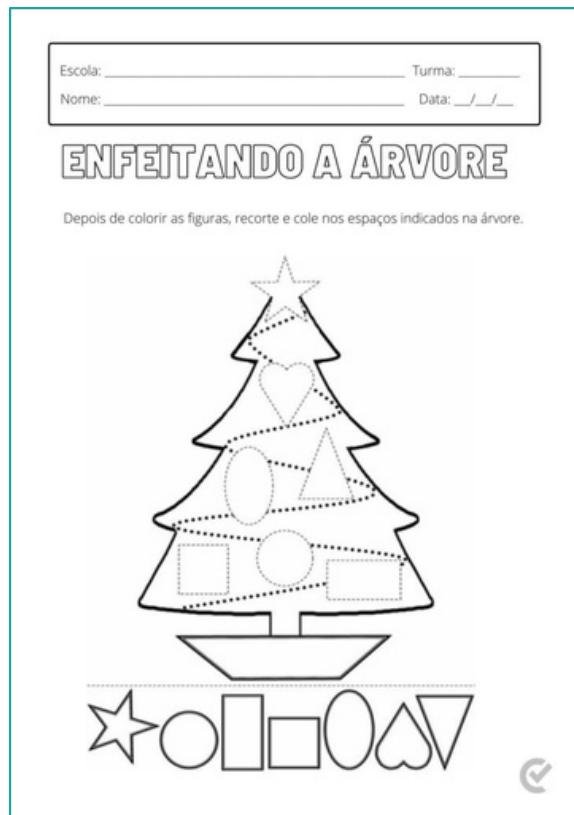
MAS, e a segunda atividade? Sendo uma pessoa com deficiência motora e/ou visual? Como poderia ser feita? Vamos falar um pouco sobre isso ao longo do capítulo.

ADAPTAÇÃO E ACESSIBILIDADE

Até agora exemplificamos alguns tipos de atividades que consideramos “simples”. E que foi necessário informar o que foi solicitado e descrever. As páginas com texto para estudo foram lidas e as imagens que aparecem foram audiodescritas. Mas, será que todas as atividades são acessíveis? Será que há imagens que não podem ser audiodescritas?

Mais uma vez, afirmamos a possibilidade infinita da AD, mas é fundamental reconhecer que nem todas as atividades são acessíveis e promovem a autonomia. Ou seja, há atividades que, mesmo com a audiodescrição, precisarão ser substituídas ou adaptadas. O que você acha? Que tal um exemplo?

Imagen 6: atividade de recortar e colar



Fonte: MORETTI, 2022, n.p.

Essa atividade parece “simples” de audiodescrever? Colocamos simples entre aspas ao considerar que, especialmente para quem está se aproximando pela primeira vez do tema da AD, ela possa não parecer tão simples assim. O “simples” para nós é justificado porque essa atividade demanda poucas informações, pois “bastaria” seguir o esquema orientador, de cima para baixo e da esquerda para a direita. Vejamos:

Início da audiodescrição: cabeçalho com escola, turma, nome e data. *Enfeitando a árvore de natal. Lê-se: depois de colorir as figuras, recorte e cole nos espaços indicados na árvore. Abaixo, a figura de uma árvore de natal, em seu topo, uma estrela, abaixo da estrela, um coração, abaixo do coração, uma figura oval e um triângulo, abaixo, na base da árvore, um quadrado, um círculo e um retângulo. Abaixo da figura da árvore, há as formas geométricas citadas, estrela, círculo, retângulo, quadrado, oval, coração e triângulo, para recorte e colagem em seus espaços indicados. Fim da audiodescrição.*

Por mais que a AD localize todas as informações necessárias, para estudantes com deficiência que atinjam suas capacidades motoras, como algumas pessoas com paraplegia, down, entre outras, e para pessoas com deficiência visual, essa é uma atividade que poderá continuar sendo inacessível, pois o processo de cortar e de colar torna-se complexo e delicado. Sendo assim, haverá a necessidade de que a atividade seja adaptada, ou de que seja realizada com apoio.

Poderíamos pensar em algumas alternativas para tornar essa atividade acessível por meio do uso de tecnologias assistivas que produzam peças em alto relevo para a pessoa sentir as linhas do desenho. E por falar em tecnologia assistiva, você já teve contato com alguma?

As tecnologias assistivas são recursos, serviços e equipamentos que promovem a autonomia da pessoa com deficiência para realizar atividades, locomover-se, comunicar-se, etc. No caso da atividade em questão, apontamos algumas possibilidades usando a criatividade, e, também, recursos tecnológicos.

CRIATIVIDADE

- Criar quebra cabeça onde as peças possuem formas e texturas diferenciadas;
- Criar uma árvore de natal onde toda a sala (com olhos vendados) encaixe as peças.

RECURSOS TECNOLÓGICOS

- Preparar a atividade em uma mesa tátil;
- Utilizar máquina fusora para adaptar material.

É importante que as formas utilizadas estejam construídas com peças de plástico, madeira ou até mesmo embrorrachado e que sejam entregues prontas para que a criança consiga tocá-las, senti-las e manuseá-las para as posicionar no local indicado. Alterar a textura de cada peça pode ajudar na compreensão da existência de formatos e de cores diferenciadas. À medida que conhecemos a/o estudante, compreendemos as melhores alternativas de trabalhar, pois cada pessoa tem suas singularidades e suas necessidades.

Outra questão importante é que os recursos tecnológicos aqui sugeridos também fomentam a integração, a cooperação e a rede de solidariedade entre estudantes, valorizando a diversidade e a singularidade. Lembramos que diversidade e singularidade não se opõem; ao contrário, caminham juntas na reafirmação de que todas as pessoas são diferentes e precisam ser consideradas, acolhidas e respeitadas em suas formas singulares de ser, de estar e de se relacionarem no e com o mundo. Esse processo também contribui para o sentimento de pertencimento aos espaços/coletivos/comunidades e tende a favorecer que o processo de ensino-aprendizagem seja construído com enfoque na afetividade e no vínculo entre as pessoas envolvidas e participantes.

Lembram de bell hooks, teórica negra feminista norte-americana, que citamos ao longo do livro? Ela é uma estudiosa da educação feminista e se inspirou muito em Paulo Freire. hooks tem um livro chamado **Tudo sobre o amor: novas perspectivas** (hooks, 2020). Ele nos convida ao exercício corajoso de convivermos com base em uma ética amorosa, que se sustenta e se expressa por meio do cuidado, do respeito, do conhecimento, da integridade e do desejo de cooperação. Para ela, “quando pequenas comunidades organizam sua vida em torno de uma lógica amorosa, todos os aspectos do dia a dia podem ser proveitosos para todo mundo” (hooks, 2020, p. 135).

Podemos, inclusive, perguntar: será que compreendemos o espaço educacional e a sala de aula como uma comunidade? Se sim, como a construímos no nosso cotidiano? Será que a AD pode ser considerada uma ferramenta que nos convida ao corajoso exercício de uma ética amorosa que favorece a inclusão, o respeito e o cuidado com todas as pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, em especial com as pessoas com deficiência visual? Essas não são questões que você precisa necessariamente responder, mas elas nos convidam a repensarmos o modo como construímos a educação e a sala de aula para além de sua proposta conteudista, mas também humana, ética e cidadã.

Nesse sentido, a AD torna-se uma ferramenta que contribui com a democratização do conhecimento produzido a partir do processo de ensino-aprendizagem, que envolve pessoas e também recursos que desenvolvemos e apresentamos no processo de construção cotidiana do conhecimento.

Assim, nós nos inspiramos na perspectiva de educação de Paulo Freire, ao afirmar, no livro **Educação como prática de liberdade** (Freire, 1967, p.97), que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe?”.

Nossa proposta é uma estratégia pedagógica e política que visa a romper com a ideia, durante tanto tempo imposta, de que só há uma forma única de educar/ensinar, considerada universal e hegemônica e, consequentemente, voltada para pessoas videntes e sem deficiência.

Apostamos, portanto, na coragem e na ousadia de cada um e de cada uma de vocês para construir uma análise da realidade capacitista que ainda permeia o contexto educacional, por meio de práticas que promovam a democratização do acesso à educação básica fundamentado no direito à acessibilidade e à inclusão.

INFOGRÁFICOS ACESSÍVEIS

A AD, quando semeada, gera frutos belíssimos na vida das pessoas. Qualquer educador/a que escuta um/a estudante fazendo a AD para outra pessoa fica orgulhosíssima/o dos frutos que sua prática gerou. Não é verdade? De fato, nossos exemplos possibilitam que a construção de uma cultura inclusiva instale-se paulatinamente na escola, no nosso ambiente de trabalho e em outras áreas da sociedade.

Para isso, ampliar as habilidades na AD irá requerer muitos cuidados e disponibilidade para tentar praticar e aprimorar o exercício da AD. Por isso, te fazemos um convite neste momento: acesse o [link](#) e escute o que iremos audiodescrever. Será algo relativamente novo, tá?! Conseguiu construir a imagem - física ou mentalmente? Não? Então vamos insistir até conseguir, ok?!

Pronto! Agora que você construiu a imagem - seja física ou mentalmente - vamos apresentá-la, tá?! Acesse o [link](#) e identifique se ela está compatível com o que você visualizou e/ou desenhou.

Certamente você já observou que é comum haver a utilização de infográficos em todas as áreas de conhecimento. Os infográficos trazem representações visuais sobre determinado tema, utilizando palavras, imagens, dados, etc. É, de fato, uma ferramenta que pode somar no processo de ensino-aprendizado dos/as estudantes que possuem facilidade para tal. MAS, calma aí! Também lembramos que há estudantes que não reconhecerão determinados signos, imagens, linguagens, etc., e, por isso, é importante ter atenção às singularidades das pessoas!

ACESSIBILIDADE EM TABELAS

As tabelas, por sua vez, são tão temidas quanto os infográficos, mas podem se tornar algo simples, principalmente se você ler as informações da esquerda para direita e de cima para baixo, seguindo a ordem das linhas e das colunas, como temos destacado.

A questão do uso de tabelas em atividades, etc., é o excesso de informação que se dá através de um número exagerado de linhas e de colunas, mas, como lembramos constantemente, a pessoa audiodescritora assume a função política e pedagógica de escolher o que será narrado, como será narrado, e, a partir de que perspectiva será narrado. Infelizmente há autoras/es que não consideram a acessibilidade ao produzir determinados materiais, como tabelas, infográficos, imagens, etc. Então, recomendamos que avalie bem, ao produzir qualquer material, se este está de fato acessível às Pessoas com Deficiência, ok?! Vamos a um exemplo de tabela em que as colunas estão interrelacionadas.

Início da audiodescrição: a tabela mostra a massa corporal em quilos, x, e o consumo anual de água em litros, y, de seis indivíduos. O primeiro indivíduo pesa 90 quilos e consome 850 litros de água. O segundo pesa 120 quilos e consome 400 litros de água. O terceiro indivíduo pesa 60 quilos e consome 300 litros de água. O quarto pesa 40 quilos e consome 550 litros de água. O quinto indivíduo pesa 82 quilos e consome 490 litros de água. O sexto indivíduo pesa 90 quilos e consome 350 litros de água.

Fim da audiodescrição.

Quer acessar a tabela visualmente? Acesse por [aqui](#).

Mais uma vez chamamos a atenção para o uso e para a produção de tabelas. Para algumas pessoas, as informações podem ficar mais diretas e fiéis ao que está escrito, todavia corre-se o risco de termos uma AD monótona, cansativa e distanciada do público. Por isso, é importante que as tabelas sejam utilizadas para apresentar as informações de uma maneira sintética. Utilizar tabelas imensas coloca em risco a acessibilidade e, quiçá, a compreensão de quem lê.

Lembre-se que os valores em X, Y e siglas costumam ser lidos pela maior parte dos leitores de telas. Mas caso vá realizar uma atividade online, é importante checar se todos os materiais estão legíveis aos leitores de telas que o/a estudante utiliza. E por falar em X e Y, que tal encerrarmos o capítulo com questões da área de matemática?

FÓRMULAS MATEMÁTICAS

A audiodescrição de fórmulas matemáticas segue o mesmo padrão da explicação de todo o conteúdo trabalhado até o momento. Se escrevemos $1 + 1 = 2$, então, audiodescrevemos: um mais um é igual a dois. MAS, o que os cálculos matemáticos têm em comum com as tabelas, com os gráficos, com os infográficos, ou, na verdade, com qualquer imagem que queiramos audiodescrever?

Na matemática, conhecemos como termo algébrico um número acompanhado de uma letra (variável). A expressão algébrica é a representação de operações básicas da matemática, ou seja, adição, subtração, multiplicação e divisão, realizadas com termos algébricos. Utilizamos as expressões algébricas, constantemente, para resolver problemas relacionados a equações e a funções, bem como na aplicação de fórmulas para cálculo de área, volume, entre outras. Veja a seguir um exemplo prático disso:



Considerando a expressão $2x + 3x = 20$. Qual será o valor de x ?

$$2x + 3x = 20$$

$$5x = 20$$

$$x = 20/5$$

$$x = 4$$

E que tal resolvemos a questão com Marta? **Imaginemos Ana falando para Marta:** Marta, considerando a expressão: o dobro de um número adicionado ao seu triplo corresponde a vinte. Qual será o valor de x ? Precisamos encontrar o valor de x . Para descobrir, realizamos a soma das duas partes da expressão: dois x , mais três x , é igual a cinco x . Agora devemos pensar da seguinte forma: cinco x , ou seja, cinco vezes o valor representado pela letra x é igual a vinte. Para resolver a expressão, devemos isolar o x e encontrar o valor correspondente, o cinco passa para o lado oposto da igualdade, realizando a operação inversa, ou seja, o cinco passa dividindo o vinte. Então, x é igual a vinte dividido por cinco. Dessa forma, x é igual a quatro.

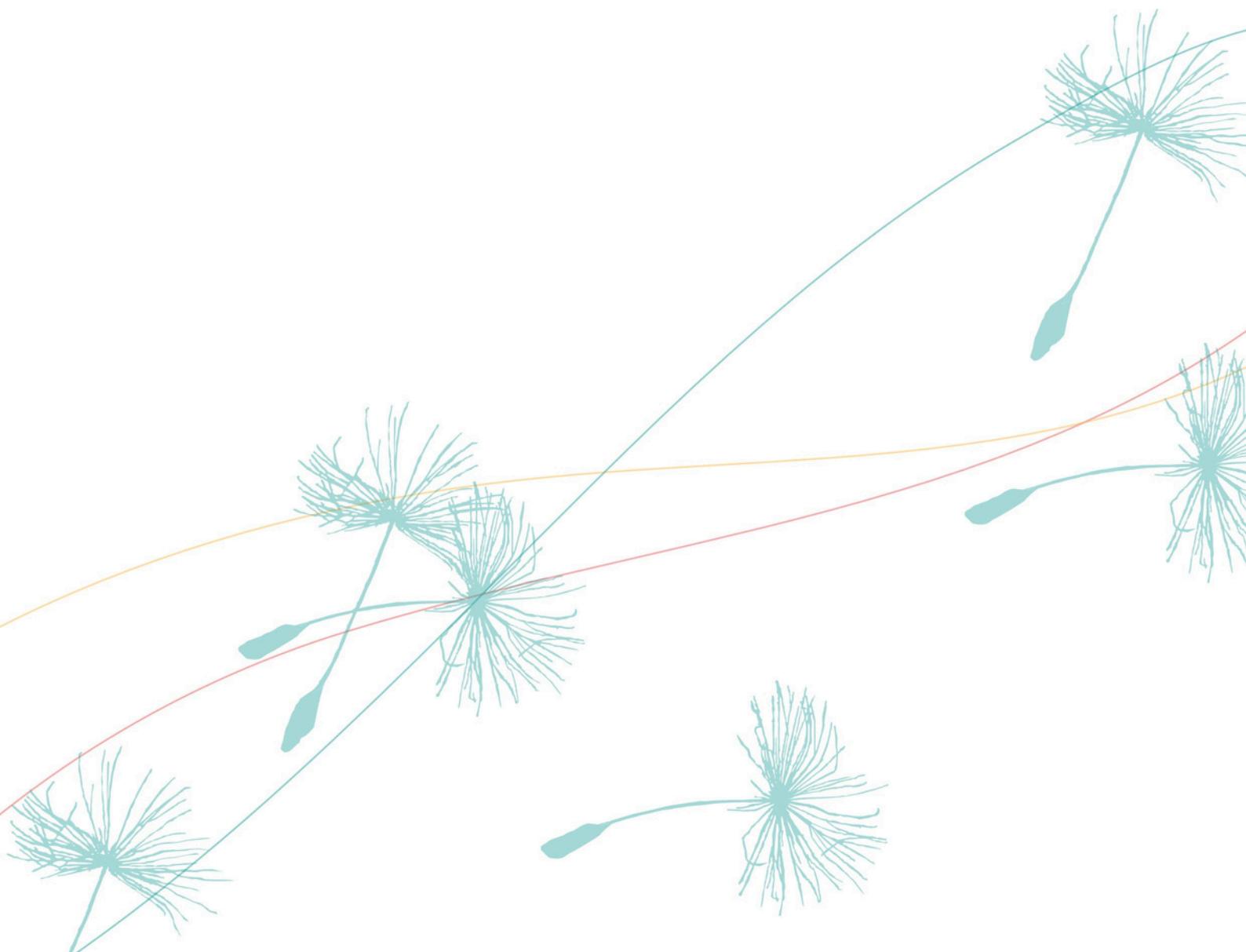
Para nós, o caminho aqui foi transformar a fórmula de números e sinais em um texto dissertativo. Esse tipo de AD cabe muito bem em problemas matemáticos.

Você notou que não indicamos início e fim da audiodescrição? Isso aconteceu, porque resolvemos a questão com Marta, mas, a AD de fórmulas e de problemas matemáticos é basicamente a leitura dessas fórmulas e desses problemas. Por fim, estamos chegando ao final deste capítulo. Como você o avalia? Aprendeu algo novo?

Conseguiu articular os conhecimentos aqui produzidos com o seu cotidiano de trabalho na educação? Considera que a AD favorece o processo de ensino-aprendizagem das e dos estudantes com deficiência visual?

Considera que, quanto mais praticamos a AD, mais ela vai sendo incorporada, por nós, educadoras e educadores, e também pelas pessoas estudantes como parte essencial do processo de convivência com as pessoas a partir da perspectiva da diversidade, da inclusão e/em comunidade?

Dentre os desafios que necessitamos superar no âmbito do ensino de Ciências e de Matemática, está o de desenvolver um ensino que possa incluir todo e toda estudante com as mais variadas especificidades existentes. Neste contexto, caberá à você subsidiar a prática docente com atividades que favoreçam a inclusão.



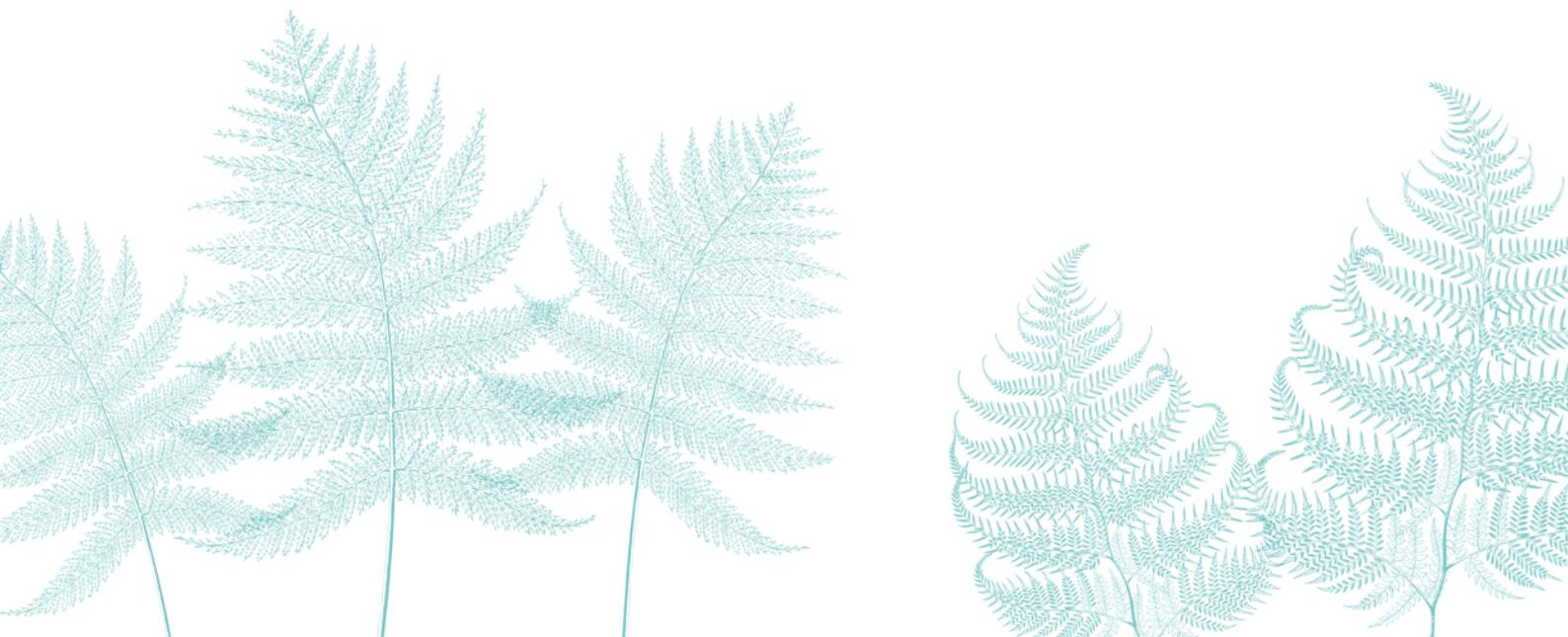


ATIVIDADES LÚDICAS COM AUDIODESCRIÇÃO

Neste capítulo convidamos você para a prática de atividades pedagógicas lúdicas, afinal, atividades didáticas não se fazem apenas em livros, mas também em jogos, com uso de objetos, de adereços e de tudo mais a que se tiver acesso e criatividade. Lembremos que o processo de ensino-aprendizagem passa também pela leveza, pelo prazer e pela ludicidade, inclusive nós, pessoas adultas, também somos convidadas a trazer o lúdico para o nosso cotidiano laboral e pessoal, muitas vezes tão desgastante e desafiador.

Vamos lá!!! Mas antes vamos contar um segredo para você! Nós estamos aqui, com você, porque fazemos algo importantíssimo!

PLANEJAMOS e PLANEJAMOS! Quando parecia tudo finalizado, revisamos e achamos erros ou falhas. Sabemos que - geralmente - vamos encontrar formas melhores de dizer, de sinalizar, de apresentar, mas o que não deixamos de lado, NUNCA, é o compromisso de planejar, planejar, planejar e revisar. Só assim tínhamos a certeza que estávamos dando nosso melhor na produção/ construção do nosso curso. E é por isso que temos um carinho imenso por ele! Por que nele vai SEMPRE um pouco de nós!



INCLUIR É (RE)CONHECER

Em nosso planejamento, trabalhamos desde a política da acessibilidade, por isso **adotamos o Desenho Universal da Acessibilidade/Aprendizagem, o DUA! O DUA é o primeiro passo para pensarmos em atividades inclusivas.** De forma bem sucinta, é quando a pessoa, desde o planejamento da atividade, já está pensando na inclusão do seu público.

Você consegue imaginar a vida de uma pessoa surda que se comunica na Língua Brasileira de Sinais (Libras) sem uma pessoa fazendo a tradução e a interpretação? Como ela poderia se sentir pertencente e incluída em sua religião? E nos postos de saúde? Tribunais? Bancos? Em uma partida de futebol, ou de qualquer outro esporte? Ainda estamos falando de barreiras comunicacionais, mas temos também as barreiras físicas. Conseguimos pensar no quanto elas não possibilitam a inclusão? Quanta coisa, heim?! Felizmente, a sanção da Lei nº 13.146/2015, ou seja, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) garante direitos e fomenta a inclusão social.

Queremos, portanto, convidar cada uma e cada um a pensar sobre o seu cotidiano, isto é, sobre o território em que vive. Será que prestamos atenção e nos damos conta do quão aquela rua, aquele bairro, aquele lugar onde sempre passamos e/ou que frequentamos está comprometido, ou não, em garantir que a diversidade de pessoas e de corpos possa estar presente nele de forma acessível e inclusiva? Vamos lá para um exercício indagativo!!!!

Onde você vive tem:



Praças com bancos acessíveis para pessoas cadeirantes ou com nanismo?

sim não

Vagas de carro para pessoas que necessitam de acessibilidade?

sim não



Acesso aos caixas eletrônicos (de bancos) para pessoas com nanismo ou cadeirantes?

sim não



Entradas com rampas acessíveis nos templos e locais religiosos?

sim não

Pois é! Infelizmente, a existência da lei, por si só, não assegura que instituições privadas e públicas cumpram os critérios de acessibilidade para garantir a inclusão. Além disso, muitas vezes, nós, enquanto pessoas cidadãs e integrantes da sociedade, nem sabemos de sua existência e nem fomos educadas na perspectiva da inclusão, da acessibilidade e da equidade. Porém, sempre é e há tempo de aprender e mudar! Nós podemos fazer algo, sim! Temos alternativas! Podemos participar quando:



REGISTRAMOS a ausência da acessibilidade à empresa ou instituição (Prefeitura, Serviço de atenção etc.);



INFORMAMOS oficialmente aos setores competentes sobre o descumprimento da lei (Ministério Público, Conselho Municipal etc.);



MOBILIZAMOS a comunidade para que a acessibilidade seja garantida nas políticas de nosso território (Associação de moradores/as, Movimento Social etc.)

E no ambiente educacional, como podemos fazer a nossa parte? Que tal iniciar pela disponibilidade e pelo compromisso em refletir?! Topam? Quando estamos planejando e desenvolvendo uma atividade, podemos nos perguntar: todas as pessoas conseguem participar dessa atividade sem necessidade de adaptações? Se for necessário adaptar, será que a atividade poderia ser incluída no planejamento? É isso!

Quando pensamos em uma atividade acessível, evitamos a necessidade de traçar estratégias de adaptação de última hora. Desse modo, o trabalho fica muito mais leve, acolhedor, equitativo e participativo. Concorda? Estamos acrescentando aqui uma palavrinha nova, muito presente no nosso Sistema Único de Saúde (SUS), que é a equidade. Você já ouviu falar em equidade? Sabe o que ela significa?

A equidade é considerada um dos princípios doutrinários do SUS que, juntamente com a integralidade e a universalidade, convoca-nos a pensar sobre a relevância da oferta de um cuidado em saúde humanizado para todas as pessoas que se encontram no território brasileiro. A equidade parte da perspectiva de que somos todas e todos diferentes e que, dependendo do contexto em que uma pessoa ou grupo social está inserido, da classe social, do gênero, da cor/raça e etnia, da crença religiosa, da capacidade/deficiência, etc., teremos demandas e necessidades distintas que não podem ser atendidas de modo igual. Assim, é importante oferecermos mais a quem mais precisa, visando ao enfrentamento das desigualdades e à promoção da justiça social.

É por isso que, aqui, estamos colocando em foco a importância da inclusão e da acessibilidade para pessoas com deficiência, de modo que a AD pode ser uma estratégia de fomento à equidade no nosso cotidiano, em especial no contexto escolar. Vale lembrar, ademais, que a escola precisa ser considerada como um lugar de promoção da saúde de todas as pessoas que a compõem - trabalhadores/as, estudantes e familiares. **Talvez estejam passando por nossas cabeças alguns pensamentos: quantos detalhes esse tema envolve! Essa questão de inclusão dá muito trabalho e não tenho tempo para isso!**

Sim, tornar os ambientes acessíveis e promover a inclusão é algo trabalhoso, especialmente se, e quando, não é um compromisso de todas as pessoas (sociedade) e do Estado. Muitas vezes parece que esse é um tema de responsabilidade somente das pessoas com deficiência e de quem está próximo a elas. E não é! Esse é um tema de todas e de todos nós e é por isso, também, que estamos promovendo esse curso, justamente porque sabemos que temos muito para avançar e que é urgente e fundamental que transformemos pensamentos, práticas, estruturas físicas e relações capacitistas para que consigamos, de fato, alcançar a equidade por meio da acessibilidade, da diversidade e da inclusão.

Quanto mais o Estado e as pessoas se implicarem em fazer a sua parte, nosso trabalho se tornará mais leve e poderemos nos dedicar, especialmente no contexto da educação, a fomentar que as e os estudantes se autorrealizem e sigam estudando e se dedicando em prol de seus sonhos.

Pedimos licença para trazer, mais uma vez, a educadora, pesquisadora feminista negra bell hooks, que segue nos inspirando na construção desse curso e de nossas pedagogias. No livro *Ensinando pensamento crítico: sabedoria e prática* (hooks, 2020a), mais especificamente no capítulo intitulado “ensinamento 6 - propósito”, hooks vem dialogar com a gente, destacando que “é raro conversamos sobre como enxergamos nosso papel de professores” (hooks, 2020a, p. 67). Ela nos lembra, ainda, que não era só o professor e a professora que observava as e os estudantes, ela também o fazia e isso foi importante na compreensão que ela construiu sobre o lugar e a função da professora e do professor em sua vivência, afirmando que:

Eles pareciam se dividir em três categorias: os que enxergavam o ensino como um trabalho fácil com férias longas, os que enxergavam o ensino como tão somente a transmissão de informações e conhecimentos facilmente mensuráveis e, finalmente, os que estavam comprometidos em expandir a inteligência de seus estudantes, ajudando-os a aprender mais. Foi a terceira categoria de professores a que mais me influenciou e que continua me influenciando e me inspirando. Eram professores preocupados com a integração entre reflexão e o aprendizado de conteúdos. Eram professores comprometidos que queriam ver os estudantes crescerem e se autorrealizarem. Como a professora do ensino fundamental que identificou em mim o amor pela leitura e me permitia tomar mais empréstimos da biblioteca do que era considerado apropriado; ou na faculdade, a professora que distribuiu cópias de um poema que escrevi sem revelar a autoria, para ver se o gênero do autor poderia ser identificado. Nesse exercício rápido, ela provou para todos na sala de aula que gênero não determinava se uma pessoa poderia ser ou não uma boa escritora. Ao nos mostrar a falsidade do pensamento machista, comum à época, que insistia na ideia de que mulheres jamais poderiam escrever obras tão boas quanto as dos homens, ela derrubou as paredes da prisão que havia colonizado nossas imaginações e mantido nossas mentes aprisionadas. Para mim, foi um momento definidor. (hooks, 2020a, p. 67-68).

Será que nos damos conta da importância e da influência que exercemos, enquanto pessoas educadoras, na vida das e dos estudantes? Na busca que elas e eles se lançam para tentar conquistar (ou não) seus projetos de vida?

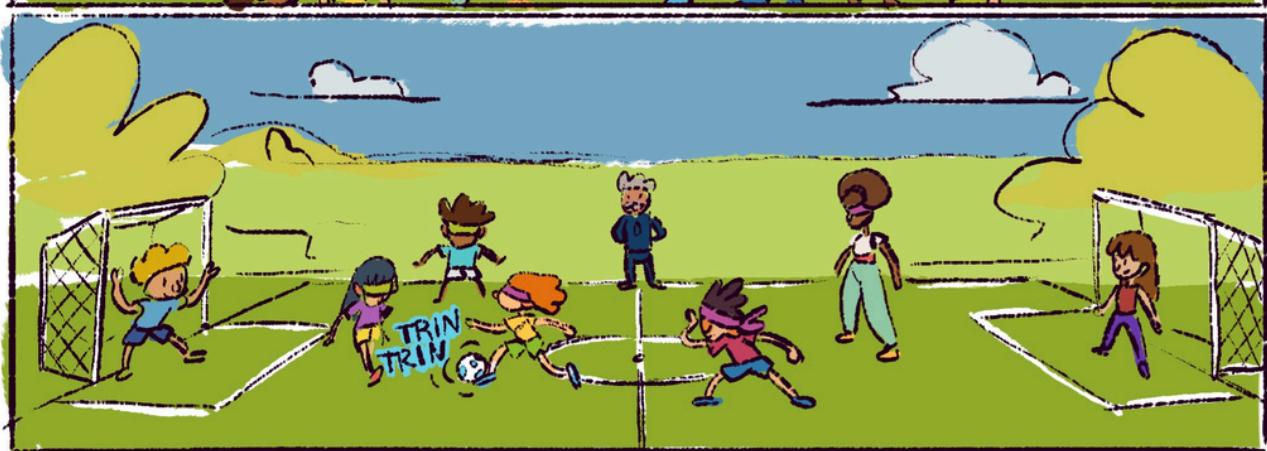
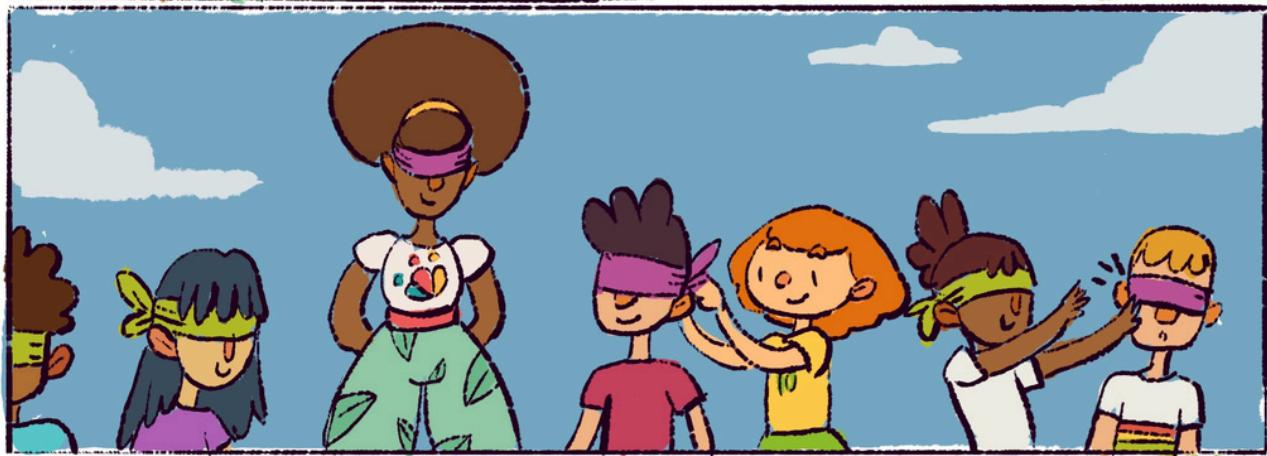
Será que lembramos que não somos somente nós quem as/os avaliamos, mas também somos avaliadas e avaliados por elas e por eles? Será que temos disponibilidade para saltar o muro do capacitismo, que aprisiona nossas mentes, nossas práticas e nossas relações, para construir uma práxis que promova a acessibilidade, a diversidade e a inclusão nos nossos cotidianos laborais, sociais e pessoais? bell hooks, enquanto uma mulher negra afro-estadunidense, que viveu em um contexto extremamente racista e misógino, nos inspira e convoca à “sabedoria prática” que promove trans-form-ação.

Outros pensadores e pensadoras que discutem sobre DUA no desenvolvimento de atividades inclusivas, como por exemplo, Santos (2022), discorre sobre a importância de desenvolver atividades inclusivas e individualizadas às necessidades de cada pessoa. Para isso, apoiamo-nos nas 3 diretrizes fundamentais para pensar atividades inclusivas baseadas no DUA, como foi discutido mais amplamente por Rose e Meyer (2002 e 2006):

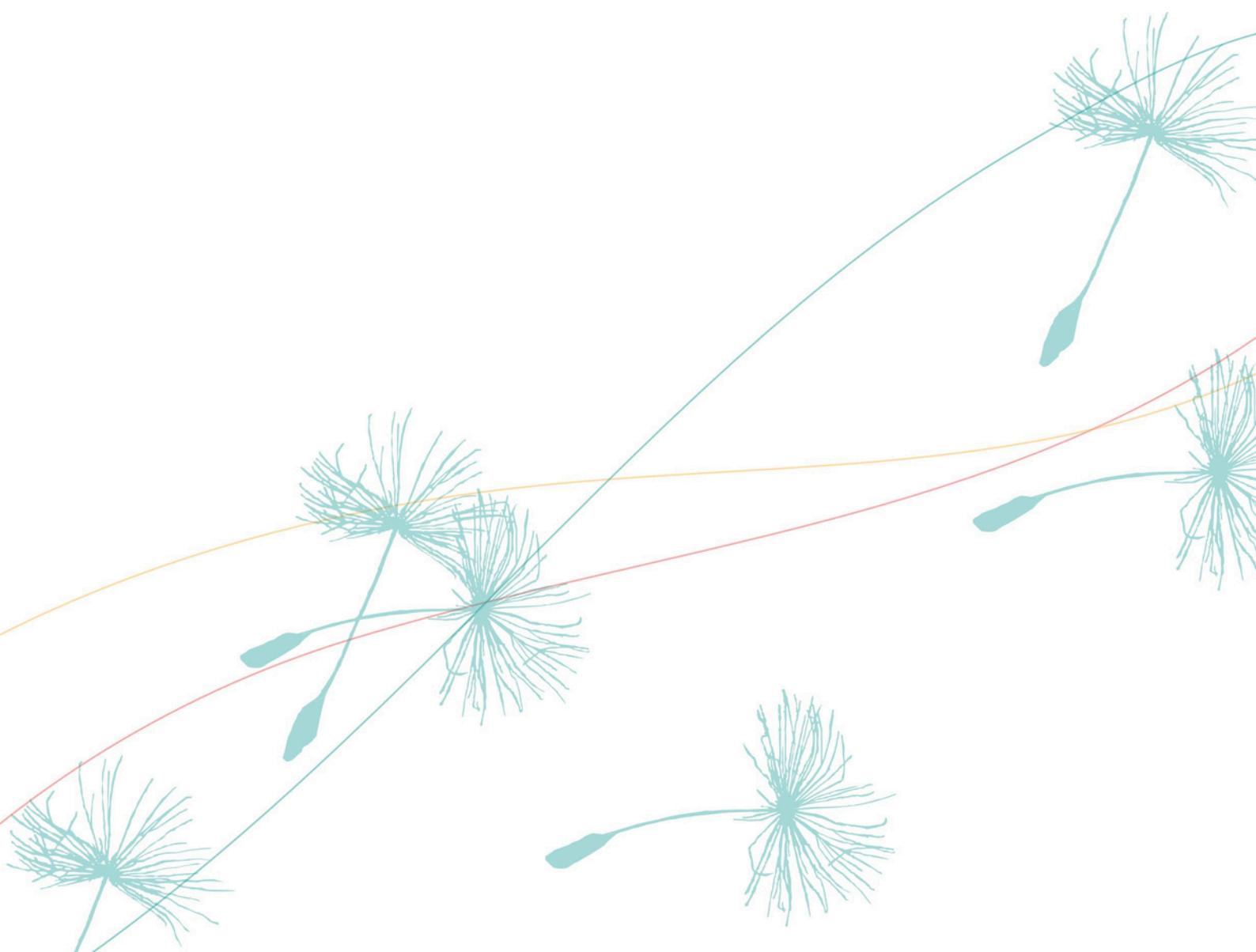
A **primeira** consiste em considerar a forma como o conteúdo será apresentado, pois muitas formas diferentes de linguagens podem ser utilizadas para apresentar o mesmo material e cada pessoa o compreenderá melhor de um jeito.

A **segunda**, pensar nas formas de avaliação. Essa é sobre o “como fazer” da atividade, como expressar e as condições para realização, afinal, cada pessoa terá um ritmo e um modo próprio no desenvolvimento de uma atividade. Ademais, é fundamental respeitar e valorizar as individualidades, o que não significa desconsiderar o coletivo e comunitário, e promover critérios avaliativos pertinentes à singularidade de cada pessoa.

O **terceiro** e último ponto consiste em pensar como capturar o interesse das pessoas com quem e para quem trabalhamos. Quando trabalhamos com crianças, capturar o interesse e atenção é um grande desafio, mas saber como fazer isso é uma das partes mais divertidas de trabalhar com educação, não é mesmo?! Para isso, deixar nossas crianças cientes da importância daquele aprendizado, além de desenvolver estratégias lúdicas para capturar a sua atenção, são boas alternativas. Agora que você já conheceu o DUA, vamos pensar em algumas atividades lúdicas que fazem o uso da audiodescrição? Consideremos a vivência a seguir:



Início da audiodescrição: *História em quadrinhos. Frente à lousa verde da sala de aula, a professora Ana fala para turma "Oi pessoal. Hoje será Marta quem irá apresentar o esporte que ela joga. O que você trouxe para nós, Marta?". Marta levanta com uma bola de futebol em suas mãos. "Eu amo futebol pessoal. E a bola que uso é com guizos." Marta chacoalha a bola, que faz um som agudo. "Como enxergo parcialmente, todo mundo tem que estar com os olhos vendados. Vou mostrar...". No campo esportivo da escola, a turma põe suas vendas em cores roxas e verdes, respectivas a cada time. Marta diz: "As regras são as seguintes...". No último quadrinho, com a professora e crianças em campo, o jogo começa e com a bola guizo no pé, Marta corre em direção ao gol. **Fim da audiodescrição.***



JOGOS E ACESSIBILIDADE: É POSSÍVEL

Apesar das experiências intensamente negativas, me formei na escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta nossa capacidade de ser livres (hooks, 2013, p. 13). Iniciamos este tópico trazendo novamente bell hooks, agora no livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade* (hooks, 2013). Sugerimos que toda pessoa educadora possa ler esse livro, porque ele discute como os marca-dores sociais, de gênero, de raça, de classe, de sexualidade, e aqui acrescentamos também de capacidade/deficiência, circunscrevem a vivência educacional das pessoas.

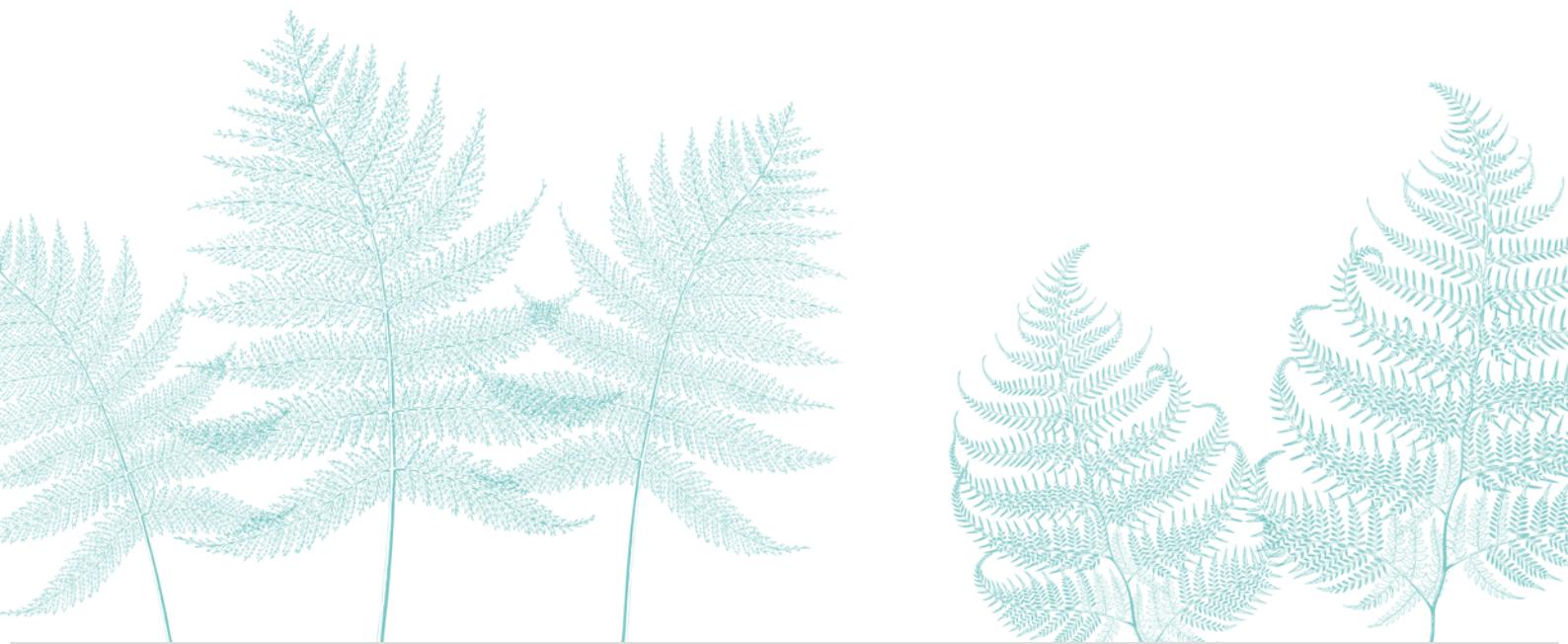
A autora bell hooks narra um pouco como foi seu processo educacional, enquanto uma criança negra e pobre que estudou em escolas segregadas e “em escolas brancas, racistas e dessegregadas” (hooks, 2013, p. 12), e como se deu essa transição:

[...] das queridas escolas exclusivamente negras para escolas brancas onde os alunos negros eram sempre vistos como penetras, como gente que não deveria estar ali, me ensinou a diferença entre a educação como prática de liberdade e a educação que só trabalha para reforçar a dominação. Os raros professores brancos que ousavam resistir, que não permitiam que as parcialidades racistas determinassem seu modo de ensinar, mantinham viva a crença de que o aprendizado, em sua forma mais poderosa, tem de fato um potencial libertador. (hooks, 2013, p. 13).

O que essa citação de hooks nos convida a pensar? Será que nos damos conta do quanto o racismo, e acrescentamos também o capacitismo, o machismo, a LGBTI+fobia, entre outras formas de opressão, marcam a vida das crianças e das demais pessoas que divergem da norma, ou seja, não correspondem ao sujeito branco, cisgênero, heterossexual e sem deficiência, ainda considerado padrão para a maioria de nós? Será que, enquanto pessoa sem deficiência, ousamos resistir, como os raros professores e professoras brancas que bell hooks teve, construindo, desse modo, uma educação anticapacitista, e também antirracista, não sexista, não LGBTI+fóbica? Como cada uma e cada um se sente, se pensa e se coloca quanto a esses temas, considerados ainda tabus?

Por que estamos dialogando sobre todas essas intersecções? Porque nesse tópico vamos pensar sobre jogos que promovem aprendizados diversos de modo lúdico e dinâmico e que fomentam a integração e a interação. Para isso, é muito importante que tenhamos cuidado para que os jogos não se tornem fonte de incentivo e de expressão de falas e atitudes discriminatórias e segregadoras. Ao contrário, a proposta é, também, que eles promovam a diversidade e a noção de que a educação é, sim, capacitante, e não capacitista. A escola deveria, pois, ser o lugar do corpo discente se encontrar com ideias e pessoas que promovam a capacidade de cada estudante ser e se sentir livre para pensar, para sonhar e para concretizar seus projetos individuais e comunitários.

Nesse sentido, precisamos conhecer cada estudante, lembrar que cada uma e cada um tem uma história e que essa história tem a ver também com a sua identidade - que dialoga com seu gênero, sua cor/raça e etnia, sua classe social, sua religião, seu território, sua capacidade/deficiência, etc. -, que também dialoga com a sua ancestralidade.



CAMINHOS POSSÍVEIS

O convite que fazemos é para que os jogos também proporcionem vivências amorosas e inclusivas entre as pessoas diversas, integrando brancas e negras, meninas e meninos, com e sem deficiência, de diferentes religiões (ou sem religião), classes e origens, etc, lembrando que, "em uma cultura narcísica, o amor não pode desabrochar" (hooks, 2020b, p. 139). Portanto, é importante que estejamos atentas e atentos para qualquer possibilidade de conflito que possa estar relacionado a essas questões, pois preconceito e discriminação não nascem com as pessoas, são aprendidos e, infelizmente, o contexto educacional ainda é muito responsável pela sua re-produção. Vamos ousar e construir uma educação diferente? Contamos com cada uma e cada um de vocês! Vamos experimentar e ousar?

QUEM SOU EU?

Que tal, por exemplo, pensarmos no jogo "quem sou eu?". É um jogo dinâmico que estimula a imaginação, a habilidade de assimilar características e também pode envolver a AD! Brincar de quem sou eu pode trazer vários aprendizados, pois esse é um jogo que trabalha a coletividade, a criatividade e a imaginação, além do raciocínio lógico e da aquisição de repertório de adjetivos.

A brincadeira consiste em adivinhar o que a pessoa é. Comumente é feito através da mímica, porém, dessa forma, não é acessível para pessoas com deficiência visual, então, audiodescrevendo características daquilo que precisa ser adivinhado, nós podemos tornar o jogo interativo para pessoas com deficiência visual, ao mesmo tempo que aguçamos nossas habilidades de AD.

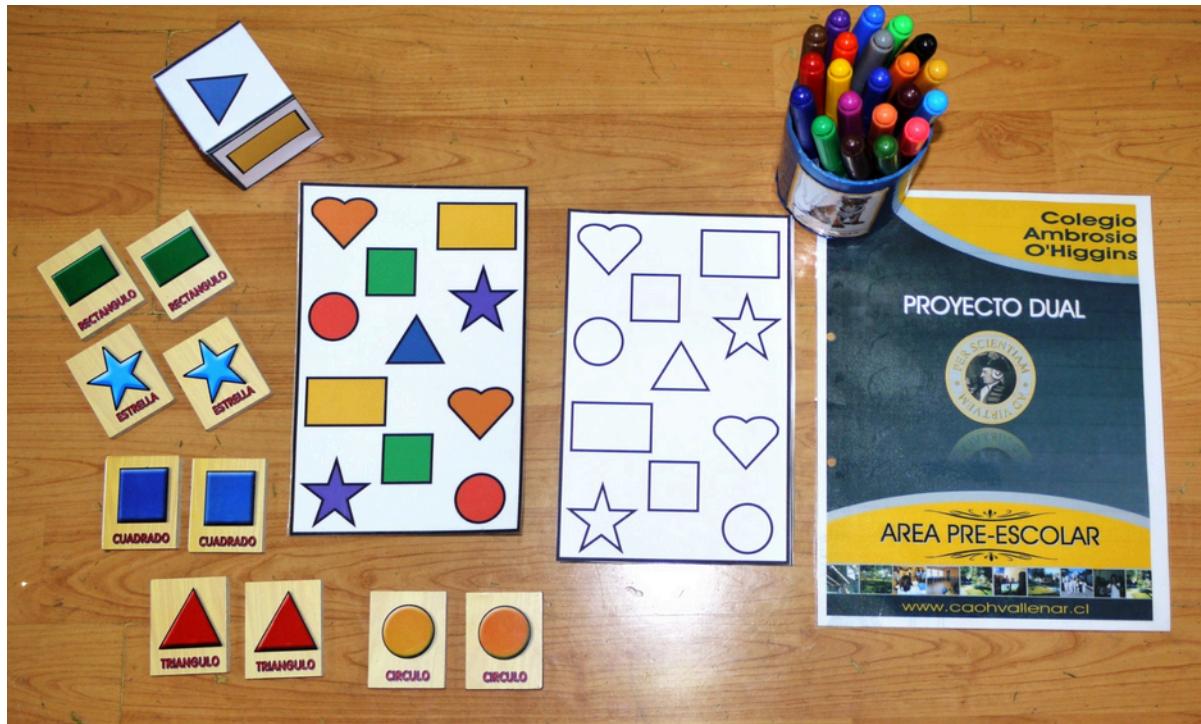
[Acesse o link e vem jogar conosco!](#)

TE CONVIDAMOS

Pode ser que em alguns momentos a pergunta surja de forma assustadora:

como vou audiodescrever? O que faço? Nós vamos sempre indicar que você reflita sobre o seu objetivo pedagógico e político. Vamos observar a figura abaixo e pensar como poderíamos realizar a atividade de forma distinta:

Imagen 7: Fotografia Proyecto Dual



Fonte: Ufal - NAC, 2023.

Poderíamos promover maior envolvimento com a atividade, construindo com a criança opções que possibilitem que ela reflita sobre como quer desenvolver a atividade. Ou, uma outra opção, seria instigar que as crianças videntes realizassem essa AD com perguntas de apoio, como por exemplo: quais formas vocês percebem aqui? Quais as cores dessas formas? E os lápis de cor?

Certamente sabemos que algumas crianças terão mais facilidade com determinados assuntos, isso independe de ser PCD, ou não. Quando realizamos a AD com foco no público com transtorno de aprendizagem ou dificuldades específicas naquele determinado assunto, é preciso focar no ato pedagógico da AD: o que precisa ser aprendido, acima do que precisa ser audiodescrito. Assim, tendo o foco no que precisa ser aprendido, podemos começar a pensar em como essa atividade pode contribuir para garantir a inclusão, ou adaptações que são necessárias para que essa atividade se torne mais inclusiva. Por exemplo, cada cartão poderia ter o

nome das formas e suas cores escritas em Braille. Cada cor poderia ser representada por um tipo de material diferente, para que houvesse uma diferenciação por texturas, ou seja, o azul poderia ser emborrachado, o laranja poderia ser papelão, o marrom de isopor, e assim por diante. Dessa forma, pessoas videntes diferenciariam essas cores pelo visual, já pessoas com deficiência visual poderiam diferenciá-las pela textura.

Pensar em um material como esse de um jeito inclusivo é pensar em possibilidades e experiências únicas: de que forma a/o estudante com agenesia de membros superiores poderia interagir com essas formas geométricas? Que tal brincar com imãs ao invés de cola e tesoura? Ou tinta ao invés de canetas coloridas? São inúmeras possibilidades e em todas elas podemos audiodescrever o passo a passo, a depender do que queremos e de como planejamos ensinar.

Mas, além de pensar em tudo isso, precisamos realizar a audiodescrição sozinhas/os? Lembre que crianças videntes podem participar ativamente da audiodescrição. Realizar perguntas guia, como “que forma é essa?” ou “Qual a cor do quadrado?”, além de estimular a responsividade das crianças, também trabalha a interação durante a atividade, tornando-a menos arbitrária e mais coletiva, fomentando o sentido de comunidade.

Em um primeiro exemplo, que damos, a proposta é trabalhar de forma lúdica, enquanto que no segundo é ser direta/o e objetiva/o na descrição. Comparemos:

Marta, olha só quantas formas que temos nessas cartelas! Temos corações, triângulos, quadrados, retângulos, círculos e até estrelas! Nos cartões você pode ler o nome de cada uma delas. O que você quer fazer? Podemos recortar e colar as formas coloridas nos espaços em branco, mas se você quiser, também temos hidrocores coloridos para você pintar cada uma!

Marta, aqui tem duas cartelas com formas geométricas desenhadas: corações, estrelas, triângulos, círculos, quadrados e retângulos. Em uma cartela, as formas são coloridas, na outra, as formas são brancas. À esquerda, há cartões com as formas geométricas e seus nomes. À direita, um pote com hidrocores coloridos. Fim da audiodescrição.



Percebe que, diferente do primeiro exemplo, nós não interagimos com a criança e nem sequer demos a ela possibilidades de resolução da atividade? Nesse segundo exemplo, o foco não é pedagógico, ou seja, não é uma audiodescrição da atividade, mas da imagem. Não convidamos a criança a participar, nós a colocamos como uma receptora das informações visuais daquela imagem. Pudemos, com isso, comparar dois tipos de audiodescrição. A primeira tinha foco pedagógico, descrevendo os materiais da atividade; já a segunda, apenas descrevia a imagem, sem propor um direcionamento à atividade.

JOGO DA MEMÓRIA

Parte do acervo de conhecimentos da educação básica é a aquisição de vocabulário, principalmente nos anos iniciais. Que tal aprender vocabulário de frutas e suas características a partir de um jogo da memória?

Jogar o jogo da memória com audiodescrição pode ser uma tarefa desafiadora e bastante divertida. Primeiramente, as peças precisam estar enfileiradas em colunas e linhas, como pensamos na audiodescrição de tabelas, pois uma criança com deficiência visual pode se guiar a partir disso. Na segunda linha da primeira coluna, eu encontrei o morango, na quarta linha da terceira coluna, eu encontrei o segundo morango, formando um par.

Dessa forma, podemos trabalhar a memória de posições, o vocabulário e as características de cada fruta encontrada. A audiodescrição é extremamente necessária nesse caso, pois vai alimentar o vocabulário de adjetivos da criança, além de atribuir um significado concreto ao nome e à imagem de cada fruta encontrada.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Você gosta de histórias em quadrinhos? Histórias em quadrinhos costumam instigar a imaginação, trabalhar o lúdico e a narrativa. Por mais que ainda nos tragam para um livro, diferente dos módulos didáticos, conseguimos usar a história em quadrinhos para trabalhar aspectos sociais e críticos.

Também existem diferentes formas de audiodescrever uma mesma história em quadrinhos. Vamos mostrar algumas possibilidades. Então, que tal ler uma história em quadrinhos audiodescrita?

Imagen 8: Tirinha da Turma da Mônica



Fonte: Donas da Rua, 2022.

Exemplo 1:

Início da descrição: Quadrinho 1: Mônica, uma garota branca, de dentes grandes e vestido vermelho, conversa com Milena, garota negra de cabelos crespos, laço rosa e macacão laranja, sobre o comportamento de Monicão, um cão marrom com dentes grandes. Mônica diz: "Tem dias que ele acorda assim, emburrado! Não sei o que fazer...". Quadrinho 2: Milena responde: "Isso é fácil de resolver, é só ser amorosa com ele que a braveza vai toda embora!". Milena abraça Monicão, o cão sorri. Cebolinha, garoto branco com cinco fios de cabelo no topo da cabeça, observa a cena ao fundo. Quadrinho 3: Mônica está emburrada, Cebolinha a abraça. **Fim da audiodescrição.**

Algumas linhas teóricas da audiodescrição dizem que não devemos atribuir sentimentos à personagens, apenas descrever seus traços físicos e feições. Porém, como a história gira em torno de Monicão receber carinho quando está emburrado, o/a roteirista decidiu usar o mesmo adjetivo para descrever Mônica, uma vez que as situações de Mônica e de Monicão eram similares.

Nessa audiodescrição, a descrição das personagens inseriu-se no meio da história algumas vezes, essa foi a escolha do/a roteirista, mas outra possibilidade seria contextualizar as características físicas das personagens antes de ingressar na narrativa da história. Consideremos o próximo exemplo:

Exemplo 2:

Início da descrição: *Hoje vamos ler a história em quadrinhos da Turma da Mônica. Mônica é uma garota branca, com dentes grandes e usa vestido vermelho. Milena é uma garota negra, de cabelos crespos com um laço rosa e macacão laranja. Cebolinha é um garoto branco com 5 fios de cabelo no topo da cabeça e roupas verdes e Monicão é um cão marrom com as mesmas características físicas de Mônica. No parque, Mônica fala com Milena sobre o comportamento de Monicão: "Tem dias que ele acorda assim, emburrado! Não sei o que fazer...". Cebolinha observa a conversa delas ao fundo. Milena, por sua vez, abraça Monicão e diz: "Isso é fácil de resolver, é só ser amorosa com ele que a bravura vai toda embora!". Monicão sorri. No último quadrinho, Cebolinha abraça Mônica, que mostra uma feição emburrada. **Fim da audiodescrição.***

Nas duas primeiras audiodescrições, sobrepõe-se a vontade de audiodescrever a estrutura do quadrinho e suas personagens, por vezes, iniciando os momentos com Quadrinho 1 e Quadrinho 2, além de descrever as características físicas das personagens que aparecem nos quadros. Se o foco era apresentar as personagens, tudo bem, mas se o foco é discutir sobre o desmatamento, por exemplo, outra alternativa pode ser adotada. Acompanhe o último exemplo:

Exemplo 3:

*No parque, Cebolinha se aproxima e observa a conversa entre Mônica e Milena sobre o comportamento de Monicão. "Tem dias que ele acorda assim, emburrado! Não sei o que fazer...", diz Mônica. "Isso é fácil de resolver, é só ser amorosa com ele que a bravura vai toda embora!", responde Milena, abraçando Monicão, Monicão sorri. Certo dia, Cebolinha encontra Mônica emburrada e a abraça calorosamente. **Fim.***

A partir das duas primeiras, poderíamos perguntar características físicas das personagens, mas a partir desta última, poderíamos focar em desenvolver perguntas acerca da narrativa, da linguagem e da crítica social embutida nas entrelinhas.

Para além da audiodescrição, essa história em quadrinhos abre diversas possibilidades de interpretação. Essas possibilidades ficam explícitas na escolha da/o roteirista no terceiro quadrinho. O terceiro quadrinho mostra Cebolinha abraçando Mônica. Mônica está com sobrancelhas franzidas, olhos e lábios caídos e braços largados, não retribuindo o abraço de Cebolinha.

Abrem-se algumas interpretações como: Cebolinha encontrou Mônica emburrada e a abraçou? Cebolinha abraçou Mônica e só então ela ficou emburrada? Esse abraço aconteceu no mesmo momento que a conversa sobre Monicão, ou em um dia posterior? Mônica não queria ser abraçada por Cebolinha? Não há uma resposta correta, mas a forma de audiodescrever vai interferir diretamente na compreensão do público alvo.

É sempre importante tomar cuidado para não usar o texto como um pretexto para a gramática. As histórias têm muito mais a contribuir conosco do que apenas possibilitar o ensino de gramática. Como já foi dito, eles podem abordar aspectos sociais, críticos e desenvolver habilidades narrativas, descriptivas e colaborativas entre as/os estudantes quando lidas coletivamente.

Caso estejamos realizando uma leitura coletiva com nossas e nossos estudantes, pode ser interessante pedir que cada criança descreva um quadrinho, ou que cada criança escolha uma história curta e a conte para a turma. Isso pode ser feito independentemente de ter, ou não, uma criança com deficiência visual nesse grupo.

Você vai perceber que, quando pedimos que as crianças contem histórias ou descrevam os quadrinhos, elas prestam mais atenção nos detalhes e são desafiadas a construir estruturas narrativas e descriptivas. Também sugerimos que você busque utilizar a diversidade de gênero, cor/ raça, etnia, idades, pessoas com e sem deficiência, etc., estimulando/valorizando também a convivência com as diferentes

pessoas, de modo intergeracional, inter-racial, etc. Afinal, cada vez mais a representatividade torna-se um elemento potente no reconhecimento de pessoas e de identidades historicamente marginalizadas, invisibilizadas e silenciadas, como o que foi feito com as próprias pessoas com deficiência, pessoas indígenas, negras, do campo, entre outras.

ACESSIBILIDADE E OLFATO

As atividades lúdicas que utilizam a audiodescrição como recurso didático podem envolver a participação de todo o corpo discente, sejam estudantes cegas/os, com baixa visão ou videntes. Disso depende a maneira como serão propostas as atividades e os objetivos previamente determinados pelas e pelos docentes.

Até aqui, falamos de atividades que são bem práticas para realizar individualmente e que funcionam bem se adaptadas ao online, mas agora, vamos trabalhar com atividades que podem envolver aspectos que vão além da leitura e do áudio, mas também envolvem o tato, os cheiros, o corpo, o movimento e a dinamicidade. Vem com a gente!

Agora vamos usar o nosso olfato! Você já percebeu que nós conseguimos descrever até os cheiros? Eles podem ser adocicados, ácidos, metálicos ou até mesmo cítricos! Diferentes ingredientes da cozinha têm diferentes odores, então que tal fazer esse teste?

Primeiramente, divida a turma em equipes, podem ser de 3 ou mais pessoas. Em recipientes, coloque os ingredientes da sua preferência, pode ser um tempero, raspas de limão, pedaços de chocolate, paus de canela, entre outros. É importante, entretanto, certificar-se primeiro se alguém tem alergia a algum ingrediente, não trazer nada tóxico, etc.

A ideia é que o recipiente seja escuro, para que ninguém consiga ver o que há dentro. Uma das pessoas do grupo vai até a mesa cheirar aquele recipiente, caso essa pessoa seja vidente, é interessante que ela seja vendada. Aqui, a pessoa terá que sentir o cheiro do ingrediente culinário e descrever características para que seu grupo adivinhe qual é o ingrediente.

Caso a pessoa que está cheirando consiga adivinhar qual é o ingrediente, as dicas ficam até mais direcionadas. Vamos entender melhor com a experiência de Ana?

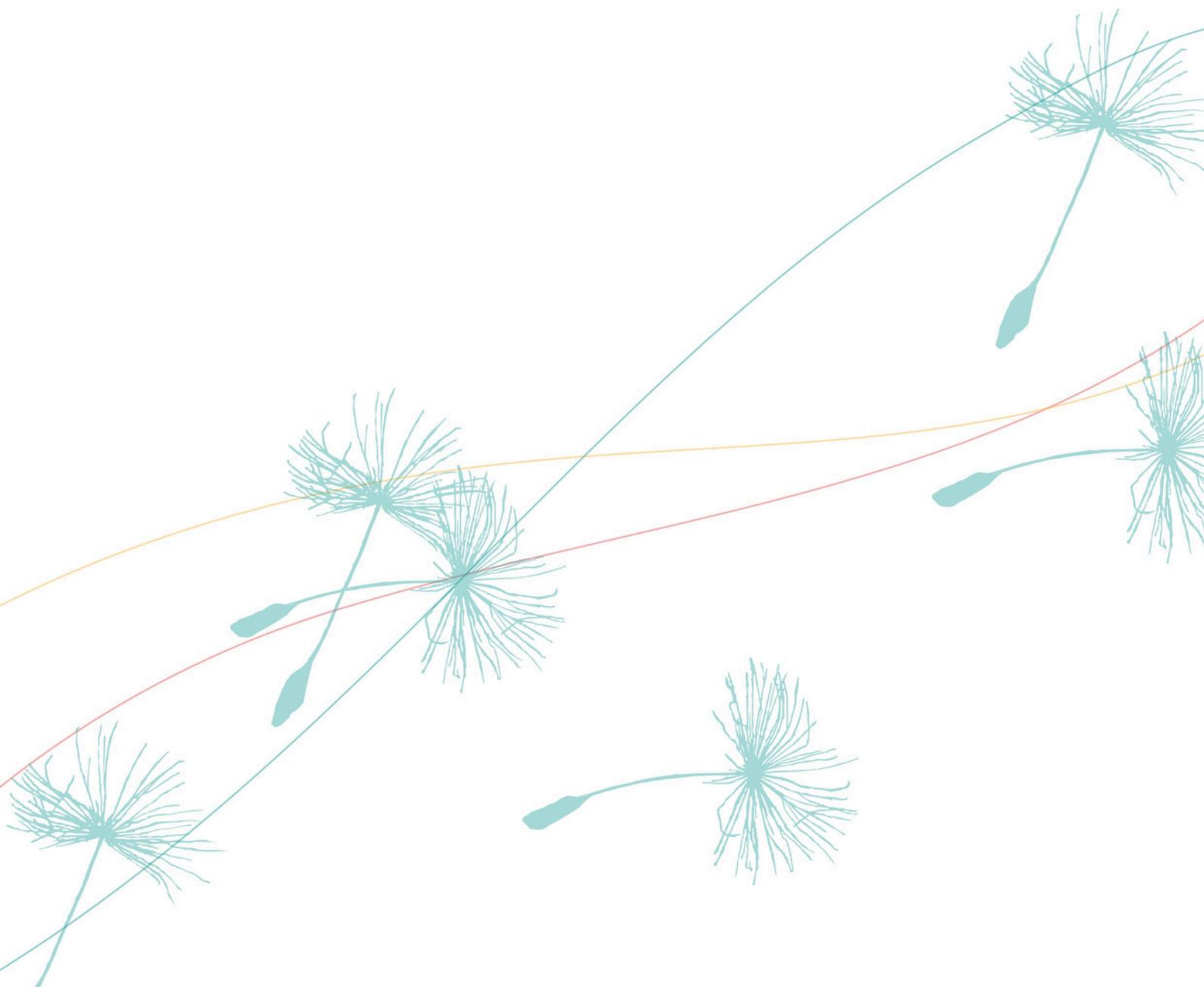


Início da audiodescrição: História em quadrinhos. Marta e um colega de classe usam vendas, a professora Ana serve uma tigela vermelha. Marta segura a tigela e a cheira. “É um cheiro doce, meio frutado e adocicado.” diz Marta. Com uma mão no queixo e lábios cerrados, o colega questiona “O que mais? Ainda não sei o que é...”. Com um sorriso no rosto, Marta diz “Ah, eu acho que já sei o que é. É bem tropical, e tem muito no fim do verão, é conhecida como a rainha das frutas, pois em sua cabeça tem uma linda coroa!”. Com empolgação, o colega levanta o dedo indicador e faz seu palpite “Eu sei, eu sei, essa fruta é o abacaxi!”. **Fim da audiodescrição.**

GUIANDO PARA APRENDER

Agora, o trabalho será realizado em dupla. Uma das pessoas do grupo vai estar sem a visão, enquanto a outra a seguirá logo atrás. A pessoa vidente receberá um cartão de destino e terá que usar o vocabulário, right, left, straight ahead, walk e outros substantivos e verbos de movimento da língua inglesa para guiar o/a colega que está sem a visão até esse local de destino para que juntas/os completem o trajeto. Caso a pessoa vidente seja cadeirante, a pessoa que está sem a visão pode empurrar a cadeira. Chegando ao destino, a dupla irá encontrar uma bandeirinha, a qual precisará coletar e levar de volta para o ponto de partida.

Essa atividade vai trabalhar o vocabulário dos substantivos e verbos de movimento em língua inglesa, a confiança, o trabalho em equipe, a comunicação entre a dupla e o senso de direção, além das habilidades de SPEAKING e LISTENING. É interessante pensar que cada dupla terá um destino diferente e que mais de uma dupla pode ter o mesmo destino. A atividade não é necessariamente uma corrida. Afinal, cada dupla terá seu ritmo, cada dupla terá seus meios próprios de chegar até o destino e concluir a atividade.



COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

Em 2022 aconteceu o primeiro arraiá acessível do Núcleo de Acessibilidade (NAC) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal). Lá, algumas brincadeiras foram repensadas para garantir acessibilidade ao público que nós tínhamos na época. Vamos compartilhar algumas delas com você!

A primeira das brincadeiras foi a **CAIXA MISTERIOSA**. A descrição de um objeto era sorteada e dentro de uma grande caixa havia vários objetos. A caixa tinha dois buracos para as mãos. Duas pessoas colocavam as mãos ao mesmo tempo e tinham que encontrar o objeto que correspondesse àquela audiodescrição. Ganhava quem o encontrasse primeiro.

Essa foi bem simples e divertida, para animar o começo da noite junina, que estava tão fria com as chuvas que estavam atingindo o Nordeste brasileiro. Em 2022, no pós pandemia, a Ufal estava sofrendo com um esvaziamento, mas continuávamos dando o nosso melhor.

Imagen 9: fotografia de evento



Fonte: Ufal - NAC, 2023.

Início da audiodescrição: Fotografia da pré-produção do arraiá acessível promovido pelo Núcleo de Acessibilidade da Ufal em 2022. Ao fundo, um tecido vermelho com estampas verdes onde lê-se “acessibilidade”, ao lado direito, caixas de som e cadeiras brancas empilhadas. Sobre uma mesa branca há nove potes, sendo três verdes, três amarelos e três vermelhos, vendas, três colheres com ovos em cima e uma caixa de papelão decorada com TNT roxo com dois buracos para inserir as mãos. **Fim da audiodescrição.**

Outro jogo que deu o que falar foi a PESCARIA. Os/as participantes envolveram-se num jogo de pescaria, armados/as com vara de pescar, olhos vendados para quem era vidente, e peixinhos de papelão.

Os peixinhos de papelão tinham cliques em suas bocas e na ponta das varas de pesca havia ímãs. Com essa junção, nós criamos uma pescaria cujo segredo para capturar os peixinhos era a firmeza nos braços, fazendo movimentos leves para que a linha não balançasse muito, e a noção de espaço, para que conseguissem explorar a nossa lagoa com maestria e capturar a maior quantidade de peixinhos possíveis.

Cada pessoa que estava no controle da vara de pescar contava com um/a ajudante que a guiava durante a pescaria, descrevendo caminhos para seguir e capturar mais peixes. Dentro do tempo de 40 segundos, ganhava quem conseguisse a maior quantidade de peixes.

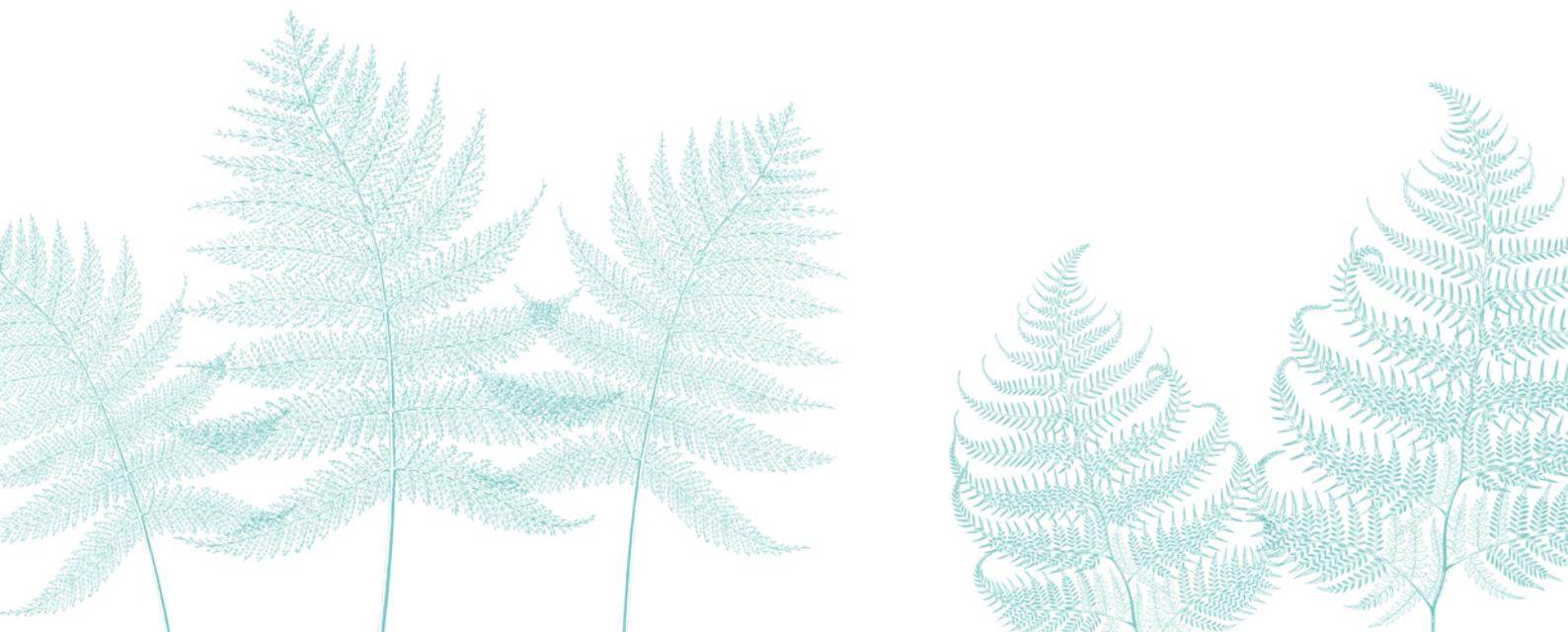
Por último, gostaríamos de compartilhar um momento que não é bem uma atividade, mas um desafio. No dia 26 de setembro é comemorado o dia nacional dos surdos e das surdas. Nesse dia, a nossa equipe propôs-se um desafio. Chamamos de dia do silêncio! Todo o trabalho, as atividades e a comunicação nesse dia precisaram ser efetuados sem o uso de comunicação verbal.

Quem sabia libras, comunicou-se em libras, quem não sabia, usou mensagens de whatsapp, cartinhas, ou tentou gesticular. Esse foi um dia de trabalho desafiador e super divertido, muito importante para entendermos essa barreira, que é a comunicacional. **Estamos preparadas e preparados para lidar com um ambiente onde o uso da fala não é uma opção de comunicação?**

Atendemos tantas pessoas com deficiência e somos uma equipe de pessoas com deficiência visual, motora, auditiva, TEA e também de pessoas sem deficiência. Encontramos muitos desafios nesse dia que poderiam ter comprometido um dia de trabalho, mas ainda assim conseguimos dar continuidade a tudo que precisava ser feito.

Esse tipo de atividade escancara para nós que sempre tentamos dar o nosso melhor, mas precisamos cada vez mais nos aperfeiçoarmos diante das nossas limitações, para que possamos ter um mundo cada vez mais justo, acessível e plural, no qual todas as pessoas com e sem deficiência consigam coexistir com equidade em direitos e acesso. E, mais uma vez, lembramos de bell hooks, que nos convida à disponibilidade e à capacidade de “atiçar nossa imaginação coletiva na sala de aula”, pois, “Quando estamos livres para deixar a mente vagar, é muito mais provável que a nossa imaginação proporcione a energia criativa que nos levará a um novo pensamento e a formas mais envolventes de saber” (hooks, 2020a, p. 107).

É com essa mensagem que agradecemos a sua incursão neste jardim conosco e pedimos que possa compartilhar suas experiências sempre que desejar, pois vamos semeando mais e mais e florescendo novas estratégias de acessibilidade, de política e de educação em nossa sociedade e em nossos corações.





UM CONVITE PARA AUDIODESCREVER





Marta, desculpe o dia que peguei sua mão sem te perguntar. Eu não sabia que você estava indo ao banheirozinha.

Eu pensei que você não sabia ler.

Somos bobões em pensar isso.

Voltei!

Olá

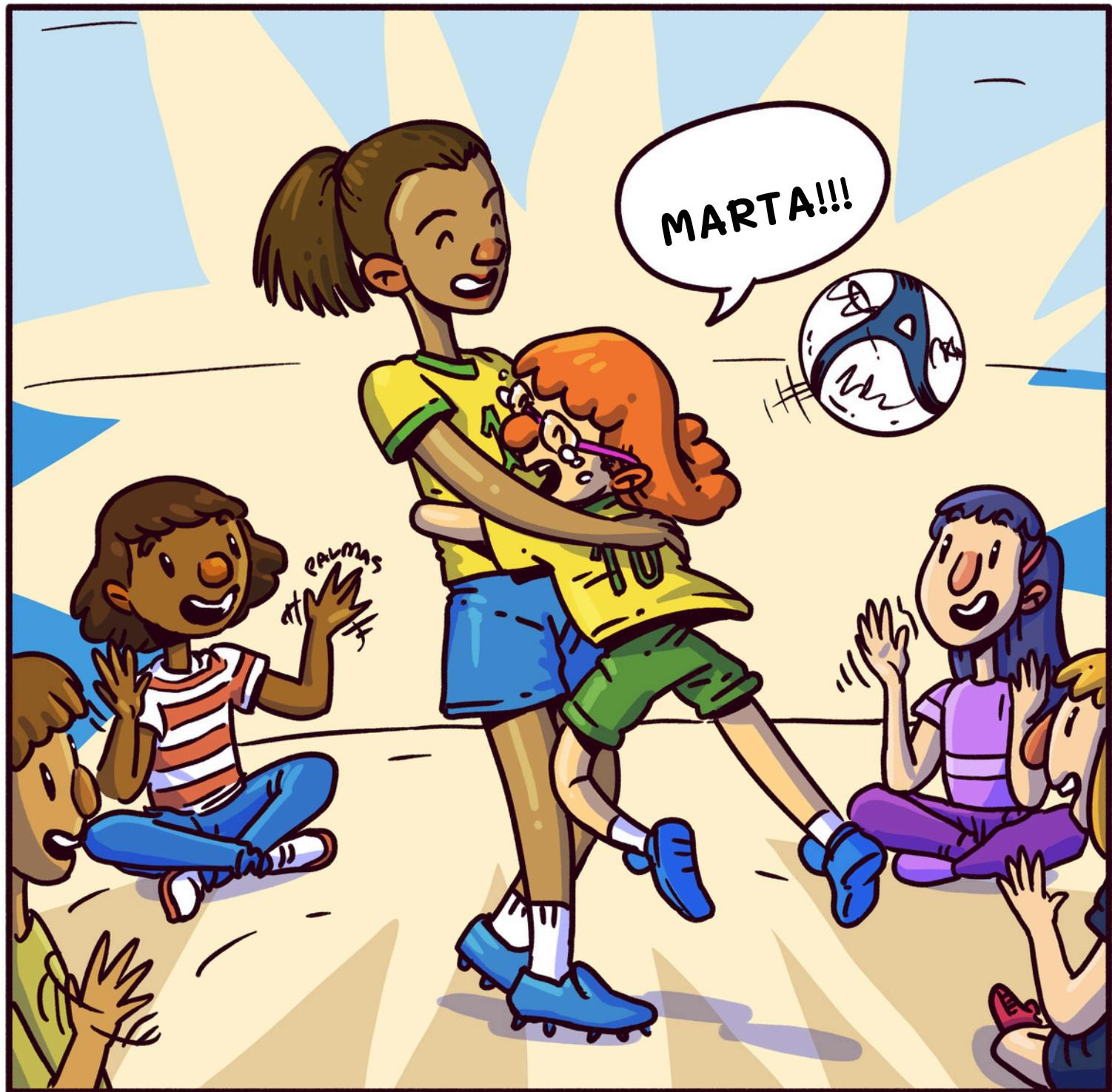
Eu treinei a descrição. Deixa comigo!

Ainda temos uma surpresa!

E aí, galerinha!

Está entrando uma mulher negra, de cabelos lisos, vestida com a camisa 10 da seleção brasileira e segurando uma bola com várias assinaturas.





Início da audiodescrição:

Quadro 1 - Vista do alto, a fachada escrita "ESCOLA ESTADUAL", com muros meio azuis claro e meio azuis escuro, ao passar pelos muros da escola uma rampa com corrimão dá acesso ao prédio da escola, este que tem telhado marrom e paredes que seguem os mesmos padrões de cor dos muros externos. À esquerda da entrada da escola, Júlio, rapaz negro, de cabelos compridos castanhos, vestindo camiseta roxa, calças azuis, sapatos amarelos e um cordão de girassol no pescoço, está de pé com um braço apoiado no ombro de uma garota negra, com cabelos negros compridos e amarrados em "rabo de cavalo", vestindo uma camisa vermelha, segura uma pasta verde no braço direito. Ao lado esquerdo da entrada, Ana recepciona o alunado, a professora tem cabelos blackpower, usa camisa branca com a logo do CAD, calça verde clara com cinto, óculos e sapatos vermelhos. Ana diz "Olá!" para uma estudante que atravessa a faixa de pedestre em direção a entrada.

Quadro 2 - Ao fundo um céu azul, uma árvore e um gramado que contorna a calçada. Na lateral esquerda, Ana aproxima-se de Júlio e da menina de cabelo negro, e, apontando com o polegar esquerdo diz: "Vem Júlio... Ela chegou!". Pela calçada, aproxima-se Marta com uma bengala verde e ao lado dela seu irmão, visto do nariz para baixo. A menina Marta é branca, com cabelos ruivos volumosos até a altura do queixo e franjas. Usa óculos, a camisa 10 da seleção brasileira, short verde, meias brancas, tênis e mochila azuis. O rapaz é branco, cabelos castanhos, usa uma camiseta branca com uma listra verde nos ombros, calça azul e tênis verde.

Quadro 3 - Ana com os braços atrás nas costas, sorri e diz: "Seja bem-vinda, Marta. Estamos felizes em ter você conosco". Próximos de Ana, Júlio e a garota de cabelos "em rabo de cavalo" sorriem. Júlio acena para Marta. De frente, Marta olha para Júlio.

Quadro 4 - Marta sorri e acena para seu irmão "tchau maninho", que retribui o gesto.

Quadro 5 - Ao atravessar a rampa, Júlio tem o braço em torno dos ombros da garota de cabelos "em rabo de cavalo" e olha para dois pássaros que voam no céu azul. Logo a frente, Ana e Marta cruzam seus olhares e sorriem. No canto superior direito, a copa de uma árvore.

Quadro 6 - Ana e Marta, acompanhadas por Júlio e a garota de cabelos “em rabo de cavalo”, caminham em direção à entrada da escola.

Quadro 7 - Ana, Marta, a garota de cabelos “em rabo de cavalo” e Júlio, caminham pelo corredor da escola em direção à sala de aula, à direita.

Quadro 8 - Marta entra na sala de aula e, com os olhos arregalados e a mão esquerda à frente da boca, sorri. A sala está decorada com balões verdes e amarelos e fitas rosas. Seis colegas de sala saltam, erguem os braços e seguram cartazes: “Marta, você é nossa campeã!”, “O futebol está no seu sangue” e “Marta é a melhor!”.

Quadro 9 - No lado de fora da sala Júlio pensa: “já volto...” e começa a caminhar para a direita. Dentro da sala, Marta chora e, com um dedo, seca uma lágrima que cai dos olhos. Sorrindo ela diz: “nem acredito que ganhamos! Somos campeãs!!!”.

Quadro 10 - Ana diz: “que tal sentarmos? Marta tem muito a nos contar... sobre a viagem e sobre ser campeã!!!”.

Quadro 11 - Na sala de aula, Ana e as crianças sentam no chão. Em círculo e de pernas cruzadas, chacoalham suas mãos ao realizar o sinal de “parabéns” em libras. Um estudante diz: “Uhuu!”. As demais falam: “Campeã!!!”. Ao lado de Marta está Ana sentada sobre as pernas flexionadas. Ao redor do círculo, cadeiras e mesas verdes.

Quadro 12 - Marta olha para três colegas à frente e diz: “O futebol se faz com bola.” Um menino negro, de cabelos castanhos, vestindo camisa vermelha com detalhe em roxo posiciona o dedo indicador no queixo e imagina Marta em um gramado chutando uma bola de futebol. Ao lado, um menina branca, de cabelos azuis e tiara rosa, vestindo calça e camisa lilás com o dedo indicador e médio no queixo, imagina Marta com o pé esticado chutando uma bola de futebol que está no fundo da rede do gol, o goleiro, posicionado com as duas mãos para o alto, inclina-se na direção em que a bola entrou. Uma menina negra, de cabelos negros, vestindo camisa de listras vermelhas e brancas e calça azul imagina Marta fazendo embaixadinhas com os olhos vendados. Da bola saem sons “Trin, trin”.

Quadro 13 - Ana olha para Marta e diz: "Marta, durante seu tempo fora conversamos muito e temos algo para te dizer. Quem quer começar?"

Quadro 14 - Uma menina branca, de cabelos azuis, vestindo calça e camisa lilás e um menino negro, de cabelos castanhos, vestindo camisa vermelha com detalhe em roxo erguem as mãos enquanto Marta olha em sua direção.

Quadro 15 - A menina de cabelos azuis une os dedos indicadores e diz: "Marta, desculpe o dia que peguei sua mão sem te perguntar. Eu não sabia que você estava indo ao banheiro sozinha".

Quadro 16 - Marta segura o celular diante do rosto, na tela, algumas mensagens de texto e imagens. O aparelho verbaliza o conteúdo. O menino de camisa vermelha com detalhe em roxo aponta para o celular e diz: "Eu pensei que você não sabia ler". Um garoto branco, de cabelos castanhos, vestindo camisa azul, apoia a mão no ombro do outro e diz: "Somos bobões em pensar isso".

Quadro 17 - Júlio reaparece na porta da sala, faz o sinal de legal e fala em pensamento: "Voltei!".

Quadro 18 - Marta ainda manuseia o celular. Júlio está sentado à sua direita, com a cabeça inclinada e diz: "Oi". Ao lado de Júlio, uma menina negra, de cabelos negros, vestindo camisa de listras vermelhas e brancas e calça azul, com a mão em formato de concha fala próximo ao ouvido de Júlio: "Eu treinei a descrição. Deixa comigo!".

Quadro 19 - Com os olhos fechados e o dedo erguido, Ana diz: "Ainda temos uma surpresa!".

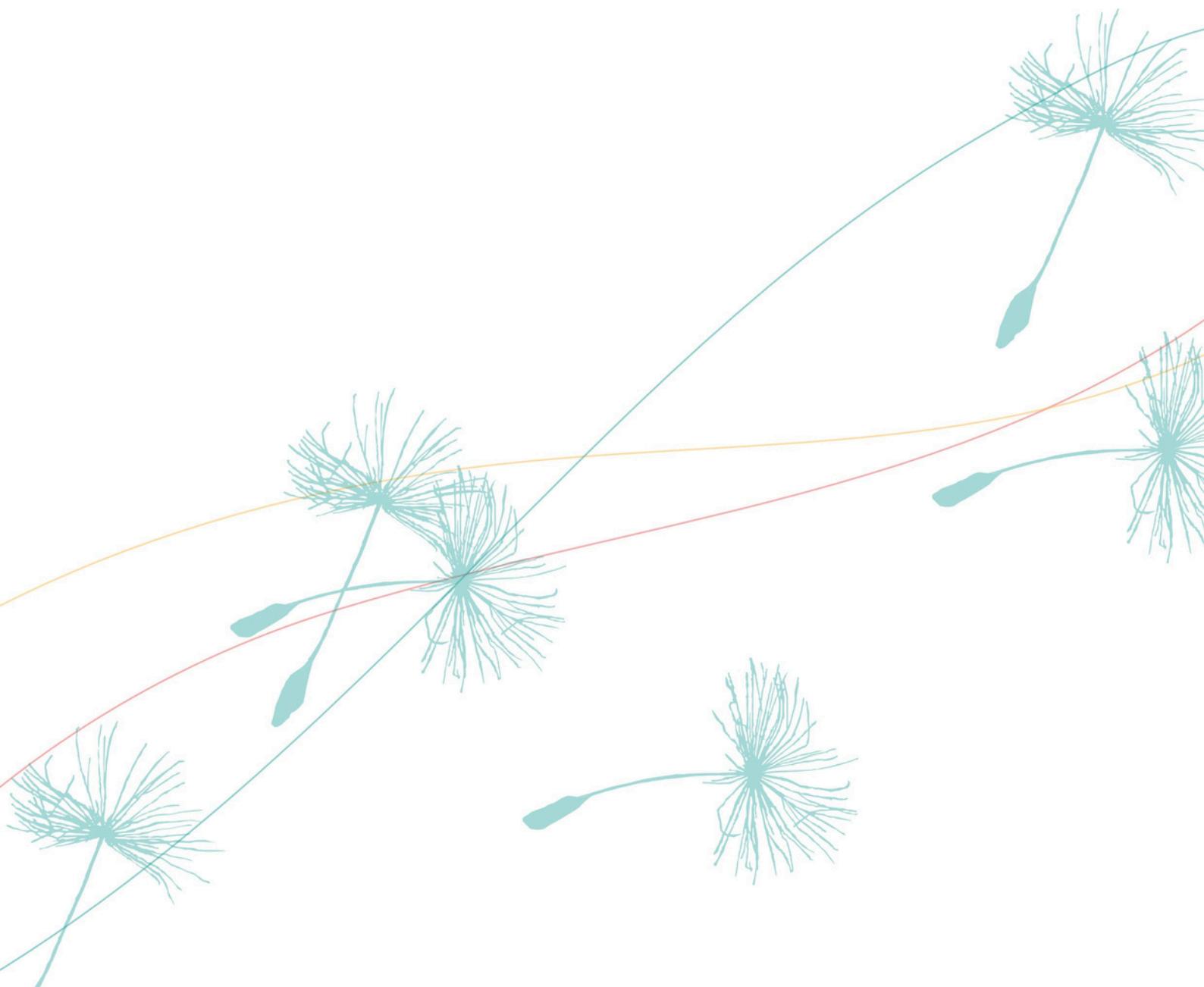
Quadro 20 - Uma pessoa aparece na porta da sala e diz: "E aí, galerinha!". Ao lado de Marta, a menina de cabelo castanho com a mão em concha fala no ouvido dela: "Está entrando uma mulher negra, de cabelos lisos, vestida com a camisa 10 da seleção brasileira e segurando uma bola com várias assinaturas". O menino de cabelos e sobrancelhas castanhos amarelados olha para outro colega com a boca aberta.

Quadro 21 - Os olhos da menina Marta brilham, ela está com as duas mãos próximas à boca que formam a letra 'O'. E diz: "Eu não acredito!"

Quadro 22 - A jogadora olha para ela, sorri e diz: "Oi Campeã!"

Quadro 23 - Com os olhos marejados, a menina Marta pula, abraça a jogadora e fala: "Marta!!!". A bola com várias assinaturas salta para o alto e as crianças sentadas ao redor sorriem, erguem os braços e balançam as mãos, sinalizando uma salva de palmas em libras.

Fim da audiodescrição.



REFERÊNCIAS

AMABIS, José; MARTHO, Gilberto. **Biologia em contexto**. Vol. 3. Editora São Paulo: Moderna, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria GM/MS N° 230, de 7 de março de 2023. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, edição 46, p. 107, 07 mar. 2023. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-230-de-7-de-marco-de-2023-468487936>. Acesso em: 30 jun. 2024.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico**: sabedoria prática. São Paulo: Elefante, 2020a.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020b.

FRANCO, Eliana Paes Cardoso. SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. Audiodescricão: Breve Passeio Histórico. In: MOTTA, Lívia Maria Villela de Mello. FILHO, Paulo Romeu (Orgs). **Audiodescricão Transformando Imagens em Palavras**. Governo do Estado de São Paulo. 2010. p. 19-36.

FREITAS, Fernando. **O que é audiodescricão?** Publicado em 14 de novembro de 2018. Disponível em: fundacaodorina.org.br/blog/o-que-e-audiodescricao/. Acesso em: 18 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HERNÁNDEZ, Salma; BARBIERI, João. **Dimensões biológicas e bioquímicas da atividade motora**. 1. ed. Porto Alegre: Sagah, 2018. v. 1. 293p.

NETFLIX. **Audiodescrição para séries e filmes.** Disponível em: help.netflix.com/
Acesso em: 17 jun. 2024.

ROSE, David; MEYER, Anne. **A Practical Reader in Universal Design for Learning Harvard.** Education Press: Cambridge, 2006.

ROSE, David; MEYER, Anne. **Teaching Every Student in the Digital Age.** Educational Technology Research and Development, 55(5), 521-525, 2002.

SANTOS, Marina. Educação inclusiva na educação infantil, anos iniciais: algumas problematizações. **Trabalho de Conclusão de Curso.** Instituto Federal Goiano, Goiânia, 2022.

SANTOS, Luciene. **Perspectiva para inclusão do estudante com deficiência visual através da audiodescrição didática:** O uso de roteiros de imagem estática para aulas de matemática. CAJAZEIRAS-PB. 2022.

TAYLOR, Christopher. The multimodal approach in audiovisual translation. In: **Target International Journal of Translation Studies.** 28(2). Agosto de 2016.

A Edufal não se responsabiliza por possíveis erros relacionados às revisões ortográficas e de normalização (ABNT). Elas são de inteira responsabilidade dos/as autores/as.



© cadedbasica

ISBN: 978-65-86829-15-0

9 786586 829150